

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CAMPUS VILHENA
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

CAMILA ANTÔNIA COELHO DE ANDRADE

ESTUDO E PROPOSTA PARA REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO
FEIRA LIVRE ARMINDO ANTÔNIO VIECELLI EM VILHENA/RO.

VILHENA/RO | 2023/2 | TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

CAMILA ANTÔNIA COELHO DE ANDRADE

ESTUDO E PROPOSTA: REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO
FEIRA LIVRE ARMINDO ANTÔNIO VIECELLI EM VILHENA/RO.

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia - *Campus Vilhena*,
para obtenção de título de Bacharel em
Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Profa. Dra. Louise Maria Martins
Cerqueira

Vilhena/RO
2023/2



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data 15/12/2023 realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada **Estudo e proposta para requalificação do espaço Feira Livre Armindo Antônio Viecelli em Vilhena/RO** apresentada pela aluna **Camila Antônia Coelho de Andrade (2019105070034-0)** do Curso **Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (Vilhena)**. Os trabalhos foram iniciados às **18:00** pelo Professor **Louise Maria Martins Cerqueira** presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Louise Maria Martins Cerqueira** (Orientadora)
- **Aurea Dayse Cosmo da Silva** (Examinadora Interna)
- **Náide Alves** (Examinadora Externa)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

[X] APROVADO

Nota: 95

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Louise Maria Martins Cerqueira** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

VILHENA / RO, 15/12/2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Andrade, Camila Antonia Coelho de.
Estudo e proposta: requalificação do espaço feira livre Armindo Antônio Viecelli em Vilhena/RO. / Camila Antonia Coelho de Andrade, Vilhena-RO, 2024.
60 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira
Cerqueira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Vilhena-RO, 2024.

1. Feiras livres. 2. Efemeridade. 3. Patrimônio. 4. Materialidades e Imaterialidades. I. Cerqueira, Louise Maria Martins Cerqueira (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.


Bibliotecário(a) Responsável: Rosilene Maria do Couto Marques, CRB-11/321 (Campus Vilhena)

Documento assinado eletronicamente por **Camila Antônia Coelho de Andrade**, Discente, em 07/02/2024, às 10:06, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Louise Maria Martins Cerqueira**, Orientador, em 07/02/2024, às 10:52, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Aurea Dayse Cosmo da Silva**, Examinador Interno, em 07/02/2024, às 10:21, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Náide Alves**, Examinador Externo, em 07/02/2024, às 10:29, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Dedico este trabalho aos feirantes, em especial aos de Vilhena/RO, por possibilitarem as diversas materializações do espaço em decorrência de suas criatividadeas constantes, matizando as situações como potências a serem exploradas indo além da via padrão do conhecimento institucionalizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus. Sem Ele nada seria possível.

Aos meus colegas de trabalho e profissionais da área por toda troca de experiência.

Aos meus amigos que foram peças essenciais durante essa jornada pelo apoio, motivação e compreensão.

À minha orientadora, Louise Cerqueira, minha inspiração profissional, por toda contribuição e pela dedicação com entusiasmo em cada fase desenvolvida do trabalho.

Aos professores do curso que através de seus ensinamentos me incentivaram a buscar o diferencial e demonstraram o quão necessário e incrível, mesmo que desafiador, é a Arquitetura e o Urbanismo. Em especial, Áurea Dayse, Rodrigo Back, Sankeis Pacheco, Jéssica Meneses e Roberto Guimarães.

Por fim, o agradecimento mais emotivo. À minha família. Obrigada mãe - Izabel Coelho - e pai - Ronaldo Andrade - por acreditarem no meu sonho e me incentivarem a voar. À minha irmã, Thais, pelo suporte constante e incondicional. Aos meus avós Antônio Coelho, Maria Paisca e Maria do Carmo pelas orações. A minha avó Maria Cleusa e meus avôs Francisco Andrade e Nóa Mattone (*in memoriam*) por todo legado e ensinamentos deixados.

Cada passo meu foi acompanhado de decisões, desde as mais simples, até aquelas que mudam tudo e só com o amadurecimento ao passar do tempo que percebemos a real dimensão e impacto.

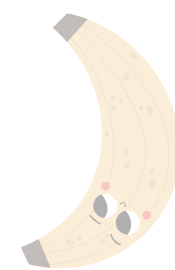
E eu me lembro de cada momentos desses, de quando estava diante de alguma coisa que sabia que alteraria tudo a partir dali.

Fechando os olhos ainda consigo sentir o frio na barriga e ao mesmo tempo o encanto que os novos conhecimentos e os fatos desconhecidos trouxeram.

Muitíssimas vezes dei passo no escuro, o que não significa que não precisei de dias e noites para ganhar confiança no que iria fazer por seguinte. Incontáveis vezes Ele me sustentou guiando-me pelos caminhos. Hoje, aqui estou, Arquiteta e Urbanista.

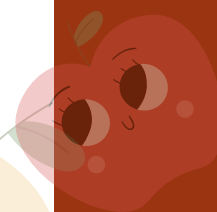


RESUMO



As feiras livres são categorizadas historicamente como um local para comercialização de produtos, possuindo dimensões culturais, afetivas e simbólicas, além de poderem ser vivenciadas, observadas e experienciadas. Para tanto, muitos sentidos físicos e abstratos são demandados. Inseridas na cidade contemporânea, essa tipologia de atividade resiste ao tempo com estratégias e releituras que podem ser entendidas como resultado das metamorfoses devidamente em decorrência da criatividade constante dos usuários. O foco deste estudo buscou reconhecer os aspectos de identidade e enraizamento existentes, com objetivo de aplicar o conhecimento obtido em estudo para requalificação do espaço - na feira de galpão Armindo Antônio Viecelli, localizada em Vilhena/RO - no dispositivos arquitetônico “feira-arquitetura” - produzida por arquitetos e urbanistas correlacionando com a troca de saberes no que se refere às formas de espacialização entre indivíduos que constroem a cidade sem conhecimentos institucionalizados, sendo aprendizados e observados na “feira-mobiliário” - feira de rua - através do estudo realizado *in loco* na feira da Av. Melvin Jones também em Vilhena/RO. Para o desenvolvimento, a metodologia se deu a partir de pesquisas bibliográficas, documentais, levantamentos e registros de campo. O trabalho resulta em uma proposta desenvolvida a partir das matizações e situações encontradas e obtidas nas duas formas de materializações estudadas - feira de galpão e feira de rua.

Palavras-chave: Feiras livres, Efemeridade, Patrimônio, Materialidades e Imaterialidades.



SUMÁRIO

01 APRESENTAÇÃO 09

1.1 INTRODUÇÃO 10

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA 10

1.3 INDAGAÇÃO 11

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO 12

1.5 FEIRAS LIVRES E SUAS SINGULARIDADES 13

1.6 ASPECTOS CULTURAIS E PATRIMÔNIO 14

1.7 FRAGMENTO E IMATERIALIDADE 15

1.8 FEIRAS E FEIRANTES EM VILHENA/RO 16

1.9 MATERIAIS E MÉTODOS 18

02 FEIRA MOBILIÁRIO: AVENIDA MELVIN JONES EM VILHENA/RO 19

03 FEIRA ARQUITETURA: ARMINDO ANTÔNIO VIECELLI EM VILHENA/RO 23

3.1 ESTUDOS PRELIMANARES DO TERRENO 25

3.2 ENTORNO 26

3.3 CONDICIONANTES 26

3.4 MERCADO MUNICIPAL DE VILHENA 27

3.5 LOCAÇÃO E COBERTURA 28

3.6 PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA 29

04 PONDERAÇÕES: FEIRA-ARQUITETURA E FEIRA-MOBILIÁRIO 31

05 PROPOSTA PROJETUAL 33

5.1 PAINEL REFERENCIAL 35

5.2 CONCEITO 36

5.3 PARTIDO 36

5.4 PRINCIPAIS DESAFIOS, RELAÇÃO PROJETO E EDIFICAÇÃO EXISTENTE, DIRETRIZES PROJETUAIS E CARACTERÍSTICAS PLÁSTICAS 37

5.5 PROGRAMA DE NECESSIDADES E MACRO SETORIZAÇÃO 38

5.6 LOCAÇÃO 39

5.7 COBERTURA 39

5.8 PAISAGISMO 40

5.9 PLANTA BAIXA 41

5.10 PLANTA BAIXA HUMANIZADA 42

5.11 LAYOUT E SETORIZAÇÕES43

5.12 CORTES E VISTAS 45

5.13 ELEMENTOS ESTRUTURAIS 49

5.14 MOBILIÁRIOS INTERNOS 51

5.15 MOBILIÁRIOS EXTERNOS 52

5.16 VISTAS ESQUEMÁTICAS 3D 53

06 CONSIDERAÇÕES FINAIS 55

REFERÊNCIAS 57

LISTA DE REFERÊNCIAS PAINEL REFERENCIAL 58



01

APRESENTAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

A partir da vivência do espaço “feira livre em galpão” e “feira livre de rua”, deparamo-nos com duas formas de materializações distintas que dizem respeito à relação entre arquitetura e feira livre: a rigidez e a efemeridade. Essas dualidades foram observadas com objetivo de decifrar os dispositivos arquitetônicos, bem como suas características, seus anseios, a presença ou não de uma padronização, e delimitações que nesta pesquisa será apresentada como “feira-mobiliário”, na forma de barracas desmontáveis nas ruas e “feira-arquitetura”, na forma de galpões.

Além do mais, pelo fato de que a feira livre pode contribuir sobre a formação do arquiteto e urbanista, adentrando em suas bagagens estrelando-o despertar e buscando uma maior notabilidade ao que é considerado patrimônio, a relação do corpo na arquitetura e urbanismo, o efêmero, o fragmento.

Diante disto, este trabalho abordada sobre as feiras livres com estudo realizado em Vilhena/RO, como objeto a feira livre da Melvin Jones e a feira livre Armindo Antônio Viecelli. Consequentemente a isso temos a aplicação resultando em uma proposta de anteprojeto para requalificação do espaço-feira Armindo Viecelli.

A proposta do anteprojeto tratado em questão justifica-se no ambiente devidamente a carência de espaços versáteis, flexíveis e que possuem características que emanem ações coletivas como trocas de culturais e sociais.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

É evidente que, de fato, as feiras e os feirantes transformam o espaço urbano por poucas horas através de materializações. Esses indivíduos trazem consigo a ocupação do solo e a apropriação do espaço, proporcionando uma diversidade de experiências, alteração da paisagem, alteridade urbana e dinâmica da cidade durante o dia em que a feira é realizada.

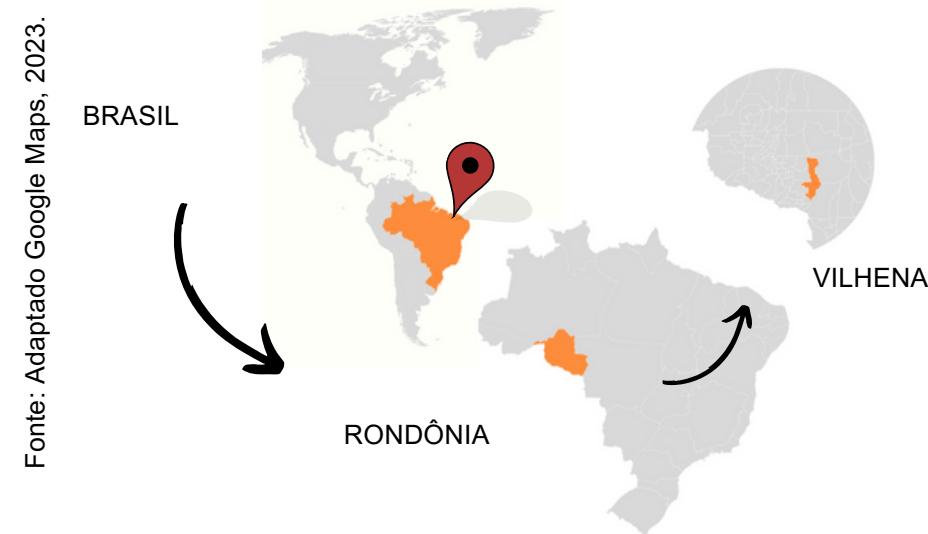
Durante o dia de feira, diferente dos demais dias, as pessoas são estimuladas a se apropriarem, de modo a evidenciar o valor e relevância de forma vívida havendo trocas culturais como rituais do cotidiano, afetos, valores, significados, ambientações, aprendizados, memórias, histórias e sociabilidade.

Percebe-se que os valores não estão presentes apenas em edificações, mas também na decorrência de atividades e suas características, reafirmando que os patrimônios vão além de elementos físicos, denotando importância ao intangível, ou seja, às práticas, modificadas ou não, de valiosidade histórica a um determinado grupo. Isso evidencia uma dimensão da feira que a coloca como patrimônio imaterial¹.

De acordo com essa dimensão, arquitetos e urbanistas entendem a importância nas reflexões sobre cidade nas últimas décadas e que essas têm contribuições diferenciadas, visto que esses profissionais têm se dedicado ao patrimônio material, onde está seu domínio e autoridade.

A partir dessa concepção as quais são as chamadas feiras livres foi desenvolvido um anteprojeto para município de Vilhena, região leste do estado de Rondônia (figura 1), a qual possui uma população estimada em 104.517 habitantes (IBGE, 2021), que tem crescido de forma acelerada nos últimos anos, o que é um ponto ponderante das discussões urbanas que acontecem no município. Um exemplo é a revisão do plano diretor e ampliação quanto à delimitação do perímetro urbano. Ao observar o cenário atual, é possível relacioná-lo às feiras livres e suas respectivas quantidades como um fator de demanda da cidade em crescimento.

Figura 1 - Localização Geográfica De Vilhena/RO



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

Figura 2 - Locais de Vilhena/RO



- 1- PREFEITURA MUNICIPAL DE VILHENA
- 2- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA
- 3- MUSEU CASA DE RONDON
- 4-- INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

¹ Os primeiros registros como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) foram a feira de Caruaru/PE, em 2006 e posteriormente, a Feira de Campina Grande/PB em 2017. Ambas são resultado da aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

Como arquitetos e urbanistas de berço moderno, aprendemos, via de regra, a conceber o espaço através de mecanismos atrelados à funcionalidade: setorizações, normatizações, módulos, uniformizações. Almejamos soluções duradouras, muitas vezes sem aprender com o efêmero (CERQUEIRA, 2020, p. 82 e 83).

1.3 INDAGAÇÃO

Como buscar modelos e métodos alternativos, além dos acadêmicos, em situações que os próprios consumidores da arquitetura criam, modificam e adaptam conforme seu objetivo? Quais as relações possíveis entre versatilidade espacial e feiras livres?



1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

Destaca-se a como leituras-chaves a fim de compreender termos utilizados e aplicados na com olhares de áreas diversificadas, podendo contribuir como auxílio na reflexão sobre feiras livres e suas singularidades, aspectos culturais, patrimônio, fragmentação e imaterialidade.

1.5 FEIRAS LIVRES E SUAS SINGULARIDADES

De acordo com Sato (2012), Pirenne, no século IX, situou historicamente quanto às origens das feiras livres. No entanto, vale ressaltar primeiramente, ainda segundo a autora, os primeiros estudos de revisão bibliográfica a respeito das feiras foram realizados por Mott, no século XX, afirmando suas existências em todos países. A feira tinha como característica principal ser um lugar de reuniões com o objetivo de comercializar produtos, assemelhando-se aos dias atuais. Era um evento comercial, ao qual adicionam outras dimensões como, por exemplo, segundo Lucena (2016) as dimensões culturais, afetivas e simbólicas. Dimensões que são vivenciadas, observáveis e experienciáveis.

As feiras livres em seu caráter universal são como uma reserva antropológica da condição humana composta por estratégias criativas de regeneração e auto-organização da diversidade a partir da constituição de práticas mais próximas da dinâmica da natureza estendida. Um grande organismo vivo e em incessante ebulição de formas outras de construção de estratégias que pulsam de vida (LUCENA, 2016 p. 68 e 69).

Pode-se afirmar que, em alguns casos, a feira antecede sua própria regularização, de forma que está interligada com as necessidades locais. Por exemplo, observar-se o caso de São Paulo, onde Sato (2012) menciona que em meados do século XVII aconteceu o primeiro registro da venda de gêneros alimentícios e varejistas, considerado como “reprodução” de feira. Com o tempo houve “aprimoramentos” e regulamentações, surgindo as quitandas e posteriormente os mercados públicos.

A feira livre é versátil e permite seu acesso tanto a trabalho, quanto a passeios, pesquisas e compras. Não exige permissão para visitação, pois   aberta a todos, diferentemente de outros espaços (SATO, 2012). Além do mais,   um dos espaços em que o pequeno produtor tem voz e oportunidade de comercializar seus produtos, atuando em coletividade em prol da comercializa o, proporcionando encontros diretos com fregueses e promovendo intera oes, diferentemente da comercializa o, por exemplo, em supermercados, onde o cliente   limitado pela padroniza o e linearidade exposta guiando ao produtos.

Os sentidos são muito solicitados nas feiras livres, com destaque aos abstratos, responsáveis por proporcionar a observa o e sensibilizar a diversidade de cheiros e cores. Os diversos temperos, os pescados, as frutas, as flores estimulam os sentidos quando para ela se est a a caminho (SATO, 2012). Diante disso, emanam gritos diferenciados, respostas rápidas e estratégias de marketing para chamar aten o de clientes (LUCENA, 2016). Atualmente, compreende-se que, mesmo com as resistências que abriga quando inseridas a cidade contemporânea (DIAS, 2020) desempenham um papel importante no abastecimento urbano, mesmo com estratégias e modos de fazer e ser diferentes, através de resultados das metamorfoses e adapta oes em decorrência da criatividade constante dos usuários (LUCENA, 2016).

De acordo com Dias (2020), as feiras tradicionais nem sempre orientam-se em conjunto com a oes de gestão pública, apesar da perspectiva da dinâmica urbana que possuem. Pelo contrário, considera-se espaços residuais, nos quais persistem ativamente - um deixar permanecer.

Quando trata-se da persistência desse tipo de atividade, não   estabelecida apenas a rela o com enfrentamentos diretos e estrat gicos², mas também com a no o de práticas táticas, as quais vão se recompondo ao decorrer das influências e dinâmicas das cidades (DIAS, 2020).

Partindo da no o de persistência, ainda com olhar de Dias (2020) a reflexão gira em torno de quatro eixos. São eles: memórias, corpos, gambiarras e insurgências a fim de entender o contexto de territórios contemporâneos. Basicamente, define que:

1. Memórias: a rela o das feiras com a historiografia urbana como elemento importante e estruturador da cidade. As memórias enraizadas não tanto em traços físicos e materiais, mas ancorada com as rela oes que constroem entre si.
2. Corpos: o território moldado pela experiência, o qual resiste ao deslocamento, rearranjos, remo oes e a sensorialidade, tal esses que possuem dores, marcas e cicatrizes devidamente pelos atos que fazem parte a cada feira, como a montagem, o arrumar, o arrastar, puxar, empurrar e carregar, guardar e remontar.
3. Gambiarra: ato de reinventar, a inventividade. Abrange o termo evidenciando os arranjos espaciais próprios, ou seja, que são produzidos e/ou modificados pelo usuário mediante a necessidade pela opera o ao uso.
4. Insurgências: refere-se   liminaridade entre as feiras e a normatiza oes e, por outro lado, a informalidade e a vulnerabilidade. A insurgência, possui rela o com o território, dispondo de possíveis mudanças e articula oes presente no espaço físico.

Diante o exposto, através da reflexão proposta por Dias (2020) as feiras expressam traços em suas contingências econ micas, sociais e culturais se entrelaçando ao expressarem suas dinâmicas, articula oes e reconfigura oes constantes. Trazendo essa defini o para o contexto da presente análise, importa a passividade, sobre os ensinamentos, o movimento e a fluidez nesse tipo de local, apropriando-se com novos modos de lidar com os espaços da cidade.

² A discussão sobre a rela o do poder do espaço e os conceitos de Estratégia e Tática são importantes mediante ao tema abordado, portanto, infelizmente não poderei aprofundar neste trabalho. O leitor deve utilizar os estudos de Michael de Certeau, tais como sugestão: A inven o do cotidiano: artes de fazer, 1998 para uma compreensão mais densa sobre o assunto.

1.6 ASPECTOS CULTURAIS E PATRIMÔNIO

Atualmente, destaca-se a importância das construções cujo valor patrimonial reside para além da excepcionalidade histórica e artística, ou mesmo que não fazem parte da cidade formalizada, referindo a diferentes gostos e estilos, que muitas das vezes marginalizadas, como no caso das feiras livres. Mediante isso, a luta acontece com o objetivo de reconhecimento como patrimônio imaterial, caracterizado pela difusão e diversidade de costumes, memória, continuidades de saberes e fazer. Com efeito, o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, é responsável pelo desenvolvimento quanto a identificação e documentação para caracterização de bens culturais dessa natureza, objetivando a preservação e expandindo os valores sobre o que é denominado como bem cultural histórico e artístico, descentralizando as vozes institucionalizadas que referendam o que é o patrimônio.

Considera-se a relevância, principalmente ao se tratar da legitimidade de preservação e a relação com o vivido, o experiente, incluindo também manifestações culturais representativas, reconhecendo aspectos de identidade e enraizamento (...) Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc (LONDRES, 2000, p. 14).

Considerando esse contexto, segundo IPHAN (2000) é preciso aprofundar reflexões e experiências, almejando superar impasses passados para que se consiga identificar bens culturais diversificados, além dos já reconhecidos a fim de apreender sentidos e significados atribuídos excedendo a ideia apenas do durável e resistente.

Evidentemente, a discussão do INRC propõe um olhar que permite celebrar a relação de patrimônio com casos que os próprios usuários concretizam as mais diversas formas de abrigos, através de práticas e construções cotidianas, as quais vem persistindo ao longo do tempo.

Figura 3 - Cultura e Patrimônio



Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura 4 - Fragmentos



Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

1.7 FRAGMENTO E IMATERIALIDADE

Na atualidade, devido a "grande velocidade de mudança", a alteridade, a efemeridade e em contrapartida a sociedade de consumo convida todos a refletirem sobre as durações de objetos, bem como também, realizar uma analogia ao ser vivo, linkando com a espacialização e tempo (JACQUES, 2011).

Por outro lado, as alteridades denotam-se, na maioria das vezes, diferir das formas implantadas pelos arquitetos, onde quase sempre define-se a arquitetura como aquilo que vai além da construção comum, possuindo um planejamento, um início e fim. Assim, afirma-se Cardoso (2011, p. 52) em:

Ainda que nos possa parecer óbvio [...], é importante destacarmos que nas teorias sistematizadas da história da arquitetura existem, ainda que de forma subjetiva e muitas vezes quase arbitrária, métodos estéticos que distinguem construções populares como não arquitetura.

Completando a ideia em questão, Jacques (2011, p. 46), conceitua que:

A imagem tradicional da arquitetura sempre esteve ligada à ideia do sólido e do fixo. E mesmo que os arquitetos contemporâneos apresentem suas obras como instáveis, em pedaços, em movimento, elas permanecem sólidas, estáveis e fixas. É possível, no entanto, simular uma construção imaginária numa tela de computador e ir modificando sem parar, decompondo-a ao infinito, o que redundará em uma multiplicidade de formas efêmeras, impossíveis de serem construídas em tempo real.

É possível compreender que a arquitetura do arquiteto está diretamente relacionada com o durável e estável. É a arquitetura que permite modificações através da tela de computador, não consentindo e sendo apta totalmente para alternâncias e transfigurações durante a execução, em tempo real.

Vale ressaltar que, a convocatória de Jacques foi devidamente seu estudo realizado a partir das favelas, para então, compreender as dinâmicas de construir e interferir no espaço que revelam modos de ser e agir diferentes dos desenvolvido no âmbito da academia. Surgem do acaso, dos achados, da descoberta momentânea, não havendo um projeto determinante do fim, o momento de parar, a conclusão. A construção não estabelecida, a arquitetura de um não arquiteto, subsiste então em função desse contínuo estado de incompletude.

Quando se trata do acaso, estabelece de forma a integrar com a bricolagem, figura conceitual que a autora convoca para pensar em direção ao incidental, ao imprevisto, não indo de encontro ao objetivo ou totalidade, mas sim em segundo plano com práticas empíricas, não objetivas e diretas. Faz parte do contexto que a autora aborda - modos de espacializar das favelas - a utilização de fragmentos de materiais heteroclitos, materiais de segunda mão, e até mesmo utilizados com outras finalidades técnicas, sendo considerado a fragmentação, a reciclagem arquitetônica de meios diferentes de onde provêm (JACQUES, 2011).

Diante disso, implica-se que, não se pode brincar duas vezes do mesmo jeito, ou seja, conter-se com apenas uma única improvisação. Denota-se novos meios, novos métodos e materiais, a aprimoração, a adaptação e a imaginação construtiva para que com o “jeitinho” resulte em um elemento a satisfazer a necessidade (JACQUES, 2011).

A distinção entre a maneira de tratar o espaço por arquitetos e pelos próprios usuários decorre também da relação com a temporalidade. Enquanto os profissionais denotam o hábito espaço-tempo, ou seja, projetos estabelecidos, os usuários se envolvem em tempo-espaço, se opondo de projeções espaciais não estabelecidas, não possuindo na maioria das vezes formas definidas e fixas (JACQUES, 2001).

Quando se trata de espaços auto produzidos, de coletividade, evidencia-se a importância de refletir quanto ao regimento de outras formas de arquitetura em que possuem modulação com flexibilidade, debatendo processos metódicos, rápidos e diretamente condicionados ao que se tem, descentralizando o controle, sendo convergente ao que se vê muitas vezes em nossa lógica institucionalizada.

Figura 5 - Alteridades



Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

1.8 FEIRAS E FEIRANTES EM VILHENA/RO

A gênese da cidade de Vilhena/RO, a qual se trata o estudo, se encontra atrelada com a história através da linha telegráfica imposta, integrando a região norte com as demais regiões do país. Esse fator é resultado do ano de 1964, através do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), e depois do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que distribuiu terras da União, atraindo imigrantes e consequentemente, instigando a utilização da terra para produção de seus excedentes.

A primeira feira livre na cidade teve como marco a década de 80, na atual praça Ângelo Spadari, localizada no centro, com poucas barracas cobertas com palhas, chamadas de sapê. Consequentemente, anos à frente, a prefeitura municipal construiu galpões destinados ao uso dos feirantes, junto ao antigo Mercado Municipal, localizado no terreno a ser aplicado o projeto (BALDEZ; QUEIROZ, 2017). Na cidade Portal da Amazônia - denominação por estar na entrada da Amazônia Ocidental - as feiras são marcadas para acontecer nas tardes e início da noite de terças às sextas, e nas manhãs de sábados e domingos, em localizações específicas a cada dia. De modo geral, os dias de funcionamento variam, possibilitando que os feirantes possam vender seus produtos em mais de uma feira. A monotonia habitual veste-se de movimento. A atividade concentra-se em edificações públicas, em galpões públicos e ao ar livre, nas ruas. São localizadas em locais distintos (figura 6 e 7) e totalizam 6 feiras:

1. Feira Armindo Antônio Viecelli, feira em galpão, no Setor 02 (Centro), Quadra 93, aos domingos.
2. Feira da Av. Paraná, feira de rua no Setor 08 A, às terças-feiras.
3. Feira da Melvin Jones, feira de rua no Setor 15 (Cristo Rei), às quartas-feiras.
4. Feira do Bela Vista, feira de rua no Setor 16, às quintas-feiras.
5. Feira do São José, localizada no Setor 21 (São José), Quadra 04, às sextas-feiras.
6. Feira do BNH, localizada no Setor 40 (BNH), Quadra 95, aos sábados.

Figura 6 - Localização das Feiras Livres em Vilhena/RO



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

Figura 7 - Dias de Feira em Vilhena



Fonte: Prefeitura Municipal de Vilhena, 2021.

Os feirantes, atuantes das dinâmicas urbanas e ao mesmo tempo trabalhadores e comerciantes (VEDANA, 2013), possuem associações próprias, podendo ser um dos fatores para essa organização a proximidade de moradia. Além do mais, possuem responsabilidade e fiscalização pela Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI).

De acordo com Vedana (2013), essa não é apenas uma ocupação momentânea, pois também partem da decisão como um passo durante a trajetória. Decisão essa que estabelece formas de trabalhar, interações, partilhamentos, ensino e aprendizados. Desenvolve-se com isso uma ancoragem importante que vai além de esplanecer suas persistências e práticas mediante a itinerância ou não e imposições institucionais ou não.

No decorrer de suas atividades é preciso dominar esse jogo, colocar a palavra em circulação no mercado e construir laços de reciprocidade com seus fregueses, produzindo o sucesso do seu negócio. De um lado temos a sociabilidade como instrumento de trabalho – que precisa ser desenvolvida e também ensinada aos sucessores –; e, de outro, temos o espaço da rua, da calçada, como local de trabalho (VEDANA, 2013).

Por outro lado, neste local, há ainda outras dimensões para essas ocupações que tratam de questões sociais materializadas através dos corpos que também carregam dores, mutilações e cicatrizes como marcas da feira (DIAS, 2020), mostrando que não limitam-se quanto ao engajamento do corpo para atuação (CERQUEIRA, 2020) e mesmo com as dificuldades persistem na inventividade e novas apropriações para que não haja interrupções no fornecimento aos consumidores, nem cessação dessa prática.

O que todas essas dimensões das feiras e dos feirantes podem ensinar aos arquitetos?

Figura 8 - Comerciantes



Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

1.9 MATERIAIS E MÉTODOS

Assim como a preparação das feiras livres, o trajeto da pesquisa norteou-se sem pretensão de caminhar com fórmulas rígidas e engessadas, considerando que iniciou-se devido a mais intensa experiência proporcionada através da vida, a qual culminou a proposição desse tema.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, sendo na primeira uma pesquisa de caráter exploratório e com abordagem qualitativa.

Em paralelo, realizou-se visitas semanalmente nas feiras livres da cidade, às quais são de galpões e às de rua, vislumbrando o universo das feiras e tipicidades de reformulações, as formas de materializações em cada uma. Nestas visitas, dividia meu tempo entre circular pelos corredores, permanecer próxima de algumas bancas, interagir com fregueses e até mesmo se alimentar. As situações de observação, em diversas ocasiões informais, foram apresentadas aspectos importantes a serem discutidos nesta pesquisa.

Diante disso, indagações foram surgindo conforme o acontecimentos das visitas, tais como a compreensão sobre materialidades, aspectos funcionais, métricas e espacialidades, sociabilidade e impactos na cidade.

Consequentemente, a partir da 4ª semana de visitas, em meados de março, foi essencial buscar informações e adensar um foco da pesquisa, objetivando um olhar menos ingênuo para que continuasse de modo coerente aos espaços em que se tem, escolhendo então as áreas.

No âmbito da pesquisa, escolheram-se duas feiras: a feira Armindo Antônio Viecelli, conhecida como "feira do centro", e a feira da Av. Melvin Jones, servindo como estudos de casos para embasar a metodologia requerida, a fim de identificar distâncias e proximidades entre uma feira com edificação estruturada e uma feira de rua, justificando a escolha através das dualidades apresentadas entre si.

Assim, visitas semanais continuaram a ser realizadas em horários de montagem e desmontagem e "pico", observando às singularidades, objeto arquitetônico, os métodos utilizados, as formas de descarregamentos e carregamentos, fluxos, layout, materiais e outros elementos correlacionados ao meio urbano.

Consequentemente, estratégias para criação de repertórios foram criadas, além das in loco, primordialmente com croquis, anotações e fotografias como fonte de registros. Além do mais, imagens/fotografias e exemplos dispostos nos referenciais teóricos, tais estes encontrados em livros, documentos oficiais da cidade e revistas científicas.

Já na segunda etapa do trabalho, houve o aperfeiçoamento das informações, estudo e proposta projetual para feira Armindo Antônio Viecelli, a qual foi escolhida por ser marco histórico na cidade, localização, pela área disposta o barracão, pelos vínculos afetivos, quantidade de pessoas e barracas.



02

**FEIRA- MOBILIÁRIO
AVENIDA MELVIN JONES EM VILHENA/RO**

Figura 9 - Colagem Feira Mobiliário

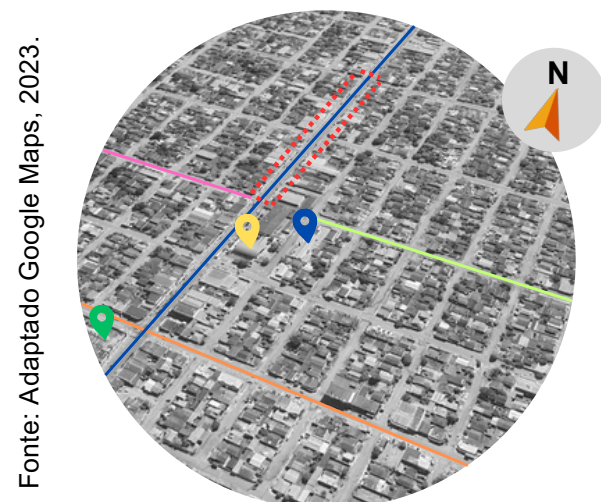


Fonte: Israel Souza de Carvalho adaptado pela autora, 2023..

A feira livre de rua, neste trabalho denominada como “feira-mobiliário”, acontece as quartas-feiras a partir das 15h, no setor 15, Av. Melvin Jones³ (figura 10) em Vilhena/RO. Possui, aproximadamente, uma extensão de 300 metros lineares, sendo utilizados duas vias com a mesma medida para o acontecimento da feira. O espaço foi observado com foco nas materializações arquitetônicas presentes.

Figura 10 - Localização das Feiras Livres em Vilhena/RO

- LEGENDA
- ÁREA DA FEIRA LIVRE
 - AV. MELVIN JONES
 - AV. CURITIBA
 - RUA FRANCISCA M. DA PAZ
 - RUA VINOLIA (1706)
 - 📍 COLÉGIO MILITAR - TIRADENTES
 - 📍 ESCOLA PENHA ROSENDO LEITE
 - 📍 UBS CRISTO REI II



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

A feira-mobiliário, de caráter efêmero, na qual as barracas que ocupam o espaço demonstram o acontecimento através de uma arquitetura “livre”⁴ - no sentido de serem desmontáveis - usualmente com barracas desmontáveis colocadas em via pública.

O espaço é constituído pela linearidade, formando dois lados com barracas e dois corredores laterais, ocupando duas vias, lado a lado. Nota-se que, a partir desse layout, são feitas as setorizações quanto à organização dos produtos, mas uma setorização mista, diferente do modo padronizado e seccionado como nós arquitetos estamos acostumados a fazer. A performance utilizada possui fluidez e vocação para poder ser alterada de maneira fácil e rápida conforme a demanda ou necessidade do momento.

Assim como apontado por Cerqueira (2020, p. 68) as barracas se erguem, muitas vezes, padronizadas, mas apresentando marcas que as individualizam e assinalam o território. Neste local, a estrutura física possui a maioria das barracas cobertas e no formato de tenda sanfonada dobrável com pés de alumínio, em cores variadas - não possuem divisórias rígidas e opacas umas com as outras.

A materialização existente consiste, indiretamente, até mesmo para direcionar o olhar no sentido cuidado e regulamentação, denotando uma segurança maior aos feirantes,

³ Não foram encontradas legislações, decretos ou autorizações que constam o início da atividade neste local, bem como também a liberação das vias para realização da feira livre. A busca foi realizada através das secretarias municipais, especificamente de Agricultura, Terras, Trânsito e Planejamento, além da consulta virtual de Leis e Atos da Entidade disponibilizadas no Portal da Transparência de Vilhena/RO.

⁴ As medidas das barracas, delimitação dos espaços, bem como a disposição e zoneamento da feira, é descrito através do decreto 2.705/94, o qual dispõe sobre a ocupação das áreas nos locais feiras-livres do município e dá outras providências.

considerando que podem esmiuçar o território do outro, pois segundo Lucena (2016) com a inexistência de divisórias ou meia-paredes há apuramento aos olhos de todos, deixando-os todos no mesmo nível.

Para adentrar na feira (figura 11), nota-se que as formas de acessar os corredores laterais não são rígidas e delimitadas por corredores transversais, pois os passantes podem atravessar as barracas entre esses lados, conduzindo trajetos por dentro de alguns espaços dos feirantes, através de atalhos para encurtamento de caminhos ou pelas extremidades, as quais possuem as demarcações de início/fim na avenida.

Conforme as observações dos dias em que foram realizadas visitas, a preferência de entrada pela proximidade do veículo, ou seja, do local em que está estacionado e/ou mais próximo da origem de que se vem, não detendo-se apenas de uma entrada principal para conduzir aos corredores principais.

Figura 11 - Movimentos Feira-Mobiliário



Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

Tratando sobre a organização setorial predominante, observou-se a repetição de setores ao decorrer do trajeto sendo eles barraca de carnes, em seguida vêm aquelas que vendem verduras e frutas. Logo após, pães, biscoitos, queijos e salames, roupas e cosméticos, e as destinadas à alimentação (pastelaria, espetinho, pão de queijo, salgados...).

Além dos produtos nas barracas, há também presença de vendedores ambulantes, organismo físico-vivo, que não fazem parte da feira-arquitetura e feira-mobiliário, mas que se inserem a partir do “lado” de fora ou em algumas “brechas” de espaçamentos existentes entre uma circulação e outra.

Segundo Cerqueira (2020, p. 68) para quem não tem banca [...] há espaço para o improvisado.

Através da figura 12, é possível visualizar que em alguns casos, mobiliários sobrepõem-se às barracas, explorando o próprio móvel como limitador físico do espaço e o principal expositor. Além do mais, em algumas circunstâncias, mais comumente nas feiras de rua, os próprios feirantes usufruem do seu espaço corpo como mobiliário, como uma barraca viva que perambula pelo espaço, explorando o território e percorrendo os espaços da feira.

Figura 12 - Corpo Perambulante



Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

Assim como refletiu Dias (2020), os corpos persistem além do “se fazer” feiras. Trata-se da conclamação entre o corpo sensível, o corpo com cicatrizes, dores e sensibilidades. O corpo responsável por rearranjos físicos, por marcar o território. Aqui, o corpo não é visto apenas como métricas, medidas padrões e escalonadas, mas sim como corpos acionantes (CERQUEIRA, 2020), corpos que manipulam objetos e se relacionam espacialmente; que carregam, transpiram, descansam; negociam, tocam, degustam [...]. Corpos estes que incorporam novas disseminações. Corpos estes que podem se tornar vitrines.

Figura 13 - Feira e Feirantes

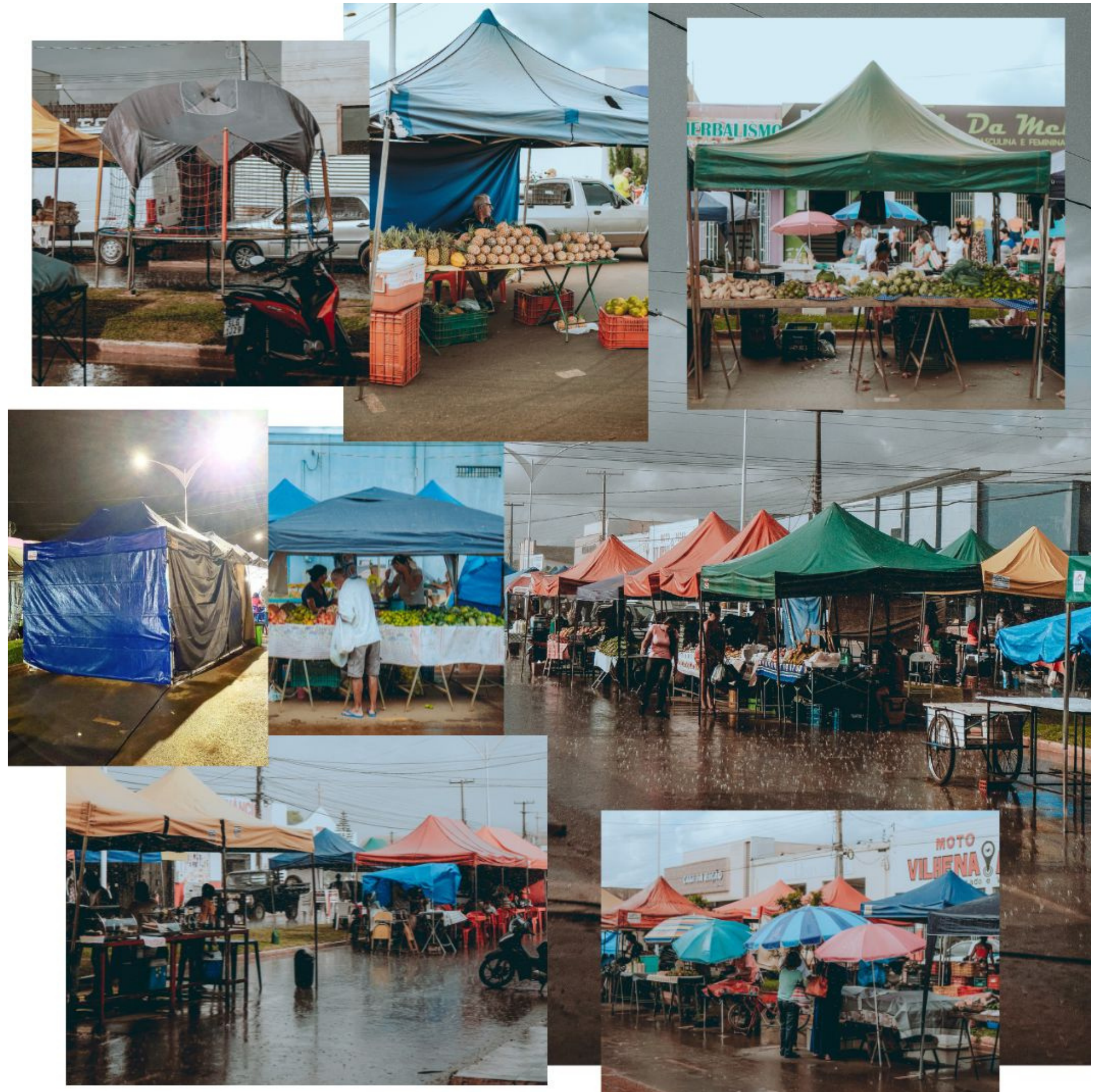


Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

No mais, as formas de exposições dos produtos (figura 14), os balcões e bancadas, possuem formatos distintos, cada qual feirante insere-os de acordo com sua necessidade, o seu negócio. Normalmente, possuem bases metálicas ou com madeiras, e bancadas de madeiras, formando um caixote, assegurando os produtos dentro. Em outros casos, utilizam-se mesas, cadeiras, tapetes, veículos e penduradores, adaptações do convencional para que sejam viáveis na exibição de suas respectivas mercadorias. E em outros casos apropria-se de carro-de-mão, veículos, do chão. Em todos os casos possuem como objetivo principal: chamar atenção dos frequentadores.

Realizam-se adaptações, gambiarras, alteridades e apropriações através de métodos adversos para solucionar as necessidades. Exemplo disso são percebidos, em alguns momentos, como respostas diante da necessidade de proteção aos fenômenos naturais. Observa-se as adaptações realizadas quando há chuva, agregando extensões e “puxadinhos” com materiais diversos, tais como lonas e guarda-chuvas. Por outro lado, em dias com sol ardente, comumente adiciona-se barramentos através de tendas verticais e horizontais, pretendendo um sombreamento e um conforto maior aos usuários, principalmente em barracas que oferecem alimentação e lazer in loco (figura 14).

Figura 14 - Adaptações, Gambiarras, Alteridades e Apropriações



Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

Realizam-se adaptações, gambiarras, alterações e apropriações através de métodos adversos para solucionar as necessidades. Exemplo disso são percebidos, em alguns momentos, como respostas diante da necessidade de proteção aos fenômenos naturais. Observa-se as adaptações realizadas quando há chuva, agregando extensões e “puxadinhos” com materiais diversos, tais como lonas e guarda-chuvas. Por outro lado, em dias com sol ardente, comumente adiciona-se barramentos através de tendas verticais e horizontais, pretendendo um sombreamento e um conforto maior aos usuários, principalmente em barracas que oferecem alimentação e lazer *in loco* (figura 14).local, carregam consigo para armazenagem individual, sendo em sua maioria em casa.

Figura 15 - Versatilidade



Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

Em outras ocasiões, permeiam a versatilidade (figura 15) para ajustes utilitários e adequações nos espaços, como puxar fios para instalações elétricas provisórias, dispor objetos, elementos e produtos de forma a usufruir de canteiros, utilizar estruturas das barracas como depósito e apoio. Além de que, a maioria dos feirantes utilizam “o fundo do barraca”, para guardar objetos não utilizados durante o evento da feira.

Observou-se que optam pela versatilidade, nas maneiras e materiais que permitam improvisos e mudanças mediante o processo, as insurgências visando também a facilidade para manejo (figura 16).

Ao término do evento, aproximadamente as 19:00 horas, desmancha-se as bancas, sendo cada feirante responsável pela sua desmontagem e manejo. Não se deixa nenhuma no local, carregam consigo para armazenagem individual, sendo em sua maioria em casa.

Figura 16 - Montagem e Desmontagem





03

**FEIRA-ARQUITETURA
ARMINDO ANTÔNIO VIECELLI EM VILHENA/RO**

Figura 17 - Colagem Feira-Arquitetura



Fonte: Fotos de Israel Souza de Carvalho e colagens de autoria própria, 2023.

3.1 ESTUDOS PRELIMINARES DO TERRENO

O LOCAL

A feira Armindo Antônio Viecelli escolhida como objeto de estudo, usufrui-se do espaço apenas um dia durante a semana, além de enfrentar limitações quanto aos acessos, forma arquitetônica, tamanhos de boxes, layout e setorização. A estrutura não é convidativa e conveniente para recebimento de atividades com características diferentes das feiras, pois são de caráter “engessado”, fixo e rígido.

O lote fica localizado no ST 02 QD 93. O bairro está inserido na região central, um dos primeiros estruturados na cidade.

Figura 18
Fachada Norte



Figura 19
Fachada Leste



Figura 20
Fachada Sul



Figura 21
Fachada Oeste



Fonte: Fotos de autoria própria, 2023.

Figura 22 - Localização Objeto de Estudo



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

Figura 23 - Objeto de Estudo



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.
Fotos de autoria própria, 2023.

LEGENDA
FIGURA 11

- BR 364
- AV. MARECHAL RONDON
- AV. MAJOR AMARANTE
- RUA OSVALDO CRUZ
- RUA GETÚLIO VARGAS
- RUA VINOLIA (1706)
- AV. LEOPOLDO PERES
- OBJETO DE ESTUDO

RELAÇÃO COM O ENTORNO

Por ser uma área de uso misto (comercial, residencial e serviços), o seu entorno imediato acaba possuindo facilidades tais pontos nodais como escolas, delegacias, praças e outras edificações de uso público e/ou utilizadas com frequências pela população.

Considera-se como uso misto portanto, predominantemente residencial. Encontra-se uma maior quantidade de comércio nas principais avenidas (Marechal Rondon e Major Amarante), evidentemente mais próximas a Av. Marechal Rondon.

VIAS E ACESSO AO LOTE

Possui acesso por 4 vias, sendo elas a Av. Leopoldo Peres - acesso principal (veículos e pedestres) - Rua Osvaldo Cruz, Rua Vinolia e Rua Getúlio Vargas - acesso predominante de pedestres. Caracteriza-se como vias locais devidamente seus respectivos fluxos e sentidos - mão dupla com exceção da Rua Getúlio Vargas (apenas sobe - sentido centro).

Figura 24 - Hierarquia Viária



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

LEGENDA
FIGURAS 12 e 13

- VIA ARTERIAL PRINCIPAL
- VIA ARTERIAL SECUNDÁRIA
- VIA COLETORA
- VIA LOCAL
- VIA LOCAL
- VIA LOCAL
- VIA LOCAL
- OBJETO DE ESTUDO

Figura 25 - Pontos Nodais



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023.

LEGENDA
FIGURA 18

- FIMCA VILHENA
- PRAÇA NSª APARECIDA
- EMATER
- ESCOLA MARIZETI MENDES
- DELEGACIA DA POLÍCIA FEDERAL
- ESCOLA ALVARES DE AZEVEDO
- OBJETO DE ESTUDO

3.2 ENTORNO

TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS

Com intuito de compreender o entorno foi realizado uma análise com um raio de 600 m.

Possui como características construções térreas predominantemente de alvenaria, possui apenas algumas de madeira - as primeiras do bairro. Nota-se que, em sua grande maioria possui ampliações de varandas ao arredores das edificações, sendo adicionadas posteriormente. Em sua grande maioria possuem telhados aparentes, pintura e afastamentos frontais do muro.

Figura 26
Fachada Norte



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 27
Fachada Leste



Figura 28
Fachada Sul



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 29
Fachada Oeste



ACESSIBILIDADE E CALÇADAS

Notou-se a desqualificação de algumas calçadas, bem como por desníveis, materiais empregados, ausência de piso tátil ou falta de padronização entre elas, não permitindo condições para a transposição de pessoas de forma autônoma e segura.

Figura 30
Fachada Norte



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 31
Fachada Leste



Figura 32
Fachada Sul



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 33
Fachada Oeste



3.3 CONDICIONANTES

CLIMÁTICAS

TRAJETÓRIA SOLAR

É importante a compreensão da trajetória solar considerando que soluções e decisões projetuais, principalmente as quais visam conforto térmico, precisarão ser tomadas mediante a proposta.

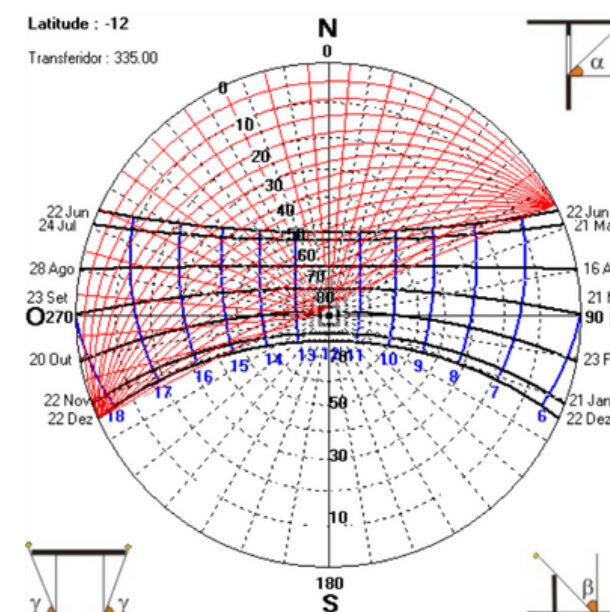
O objeto de estudo, localizado na região norte do Brasil possui a latitude de 12° Sul. O Norte está orientado cerca de 335°.

Observa-se através da carta solar abaixo (figura 34) que as fachadas norte e oeste receberão grande incidência solar em todas as estações do ano, principalmente após as 11h da manhã.

Quanto a fachada leste, destaca-se o sombreamento em quase todas as estações do ano, principalmente no período entre as 6h e 9h.

Já na fachada sul, a incidência é quase inexistente.

Figura 34 - Carta Solar



Fonte: SOL-AR 6.2, 2023.

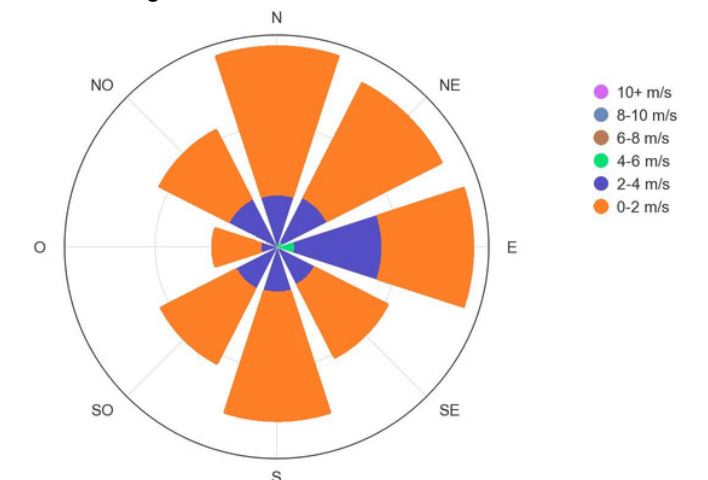
VENTOS PREDOMINANTES

Visto que a região na qual a edificação está inserida, a ventilação é um fator primordial de contribuição para um melhor desempenho e conforto térmico, principalmente para escolhas de tipologias e tamanhos das aberturas, visando maior aproveitamento da ventilação.

O lote, por sua vez, está localizado em uma massa urbana com predominância de edificações térrea e com ausências vegetativas, e portanto, acaba recebendo pouca interferência nos ventos.

Considerando isto, através do gráfico abaixo (figura 35), é possível visualizar a predominância de maior intensidade advindo das direções norte e leste.

Figura 35- Gráfico Rosa dos Ventos



Fonte: SOL-AR 6.2, 2023.

CONDICIONANTES LEGAIS USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Por se tratar de um dos primeiros setores instalados na cidade, o local do estudo não possui índices urbanísticos a ser seguidos tais como recuos, percentuais de ocupação e permeabilidade, e zoneamento. Até o momento não existe legislação que conduza quanto aos fatores citados acima.

Vale ressaltar que neste caso os profissionais devem utilizar do bom senso e empatia para proporcionar edificações confortáveis e com qualidade.

CONDICIONANTES CULTURAIS

Em virtude da realização de atividades culturais no local tais como a Feira do Produtor, propõe-se através do projeto a busca-se a utilização do espaço com mais atividades, seja elas realizadas pela Prefeitura Municipal ou parcerias com outras instituições, principalmente aquelas nas quais exaltam a produção familiar da agricultura e similares, seja para realização de cursos, amostras, feiras ou festas, otimizando o funcionamento em demais dias além da feira livre.

POTENCIALIDADES

Possível aumento do número da população que, conseqüentemente, aumento da demanda dos feirantes, espaço flexível para usufruir com outras tipologias de atividades municipais como cerimônias, festividades e eventos no geral. Além do mais, a população poderá usufruir do espaço também em dias e horários distintos do funcionamento “feira” para utilizar da área destinada ao lazer, bem como para a contemplação do pôr do sol, brincadeiras, encontros e outros.

3.4 ANTIGO MERCADO MUNICIPAL DE VILHENA

Após a década de 80, a prefeitura municipal tomou como providencia a construção de galpões destinados ao uso de feiras, junto ao antigo Mercado Municipal (BALDEZ; QUEIROZ, 2017) este que se destaca através da sua forma e implantação.

Essa edificação possui cerca de 18 box sendo em alvenaria sua estrutura e vedação. Atualmente são utilizados aproximadamente 8 no dia do acontecimento feira para vendas de produtos e/ou depósito de equipamentos e objetos.

Analisando a forma e a tipologia do edifício percebe-se um bloco único retangular e simétrico com cobertura dispostas em 4 (quatro) águas, além da presença de lanternim mediante o longitudinal. Além do mais, é rodeado por alpendre sustentado por pilares, formando um conjunto arquitetônico semelhantes aos utilizados na arquitetura industrial.

Percebe-se a adoção principalmente nas tipologias de usos como mercados municipais, feiras e estações de trem/metrô, devido a necessidade de vencer grandes vãos, armazenar produtos e correlatar a história após a segunda fase da revolução industrial na qual é marcada, principalmente, pelo uso do aço.

Através de novas necessidades oriundas da industrialização, novos sistemas, obrigaram a adequação das edificações, buscando ambientes mais espaçosos, com iluminação e ventilação natural, e uso elevado de aberturas zenitais.

Desta forma, no início do século XIX, uma nova linguagem projeto surgiu com a arquitetura do ferro e do vidro, exemplo de edificações pré-fabricadas. Arquitetura esta industrial que ficou conhecido como uma vertente de um estilo denominado como ecletismo.

Apesar da região atual do município de Vilhena ter tido sua colonização mais efetiva na década de 1970, com sua criação municipal em 1977 e urbanização por volta das décadas de 1980 e 1990, é explícito que o edifício analisado não data do período da arquitetura industrial que ocorreu entre os anos de 1850 a 1950, portanto, a linguagem formal resulta em semelhança na adoção do partido, através da volumetria e características encontradas.

Entende-se que, a edificação construída não seguiu fielmente as características da arquitetura industrial com uso de ferro e vidro, porém, pode ser um fator decorrente da ausência dos materiais industrializados na região naquela época e sua onerosa importação.

Conclui-se que resulta em um edifício “híbrido”, sincretismo de técnicas e materiais disponíveis na região, com inspiração na linguagem e tipologia da corrente industrial do estilo denominado ecletismo.

Principais características analisadas: Forma, Ritmo, Cobertura e *Laternim*, Alpendre, Estrutura e Implantação.

Figura 36 - Colagens antigo Mercado Municipal



Fonte: Fotos de autoria própria, 2023.

3.5 LOCAÇÃO E COBERTURA

De acordo com o decreto de nº 3.112 de 25 de junho de 2013 estabeleceu-se a doação da edificação pública para realização da seguinte atividade - feira, possuindo 8.202,69 m² de área total do terreno e aproximadamente 1.934,92 m² de área construída (galpão) + 509,44 m² construídos sendo o 1º mercado municipal e outras áreas como sanitários, barracões de 547,39 m². Sendo assim, totaliza-se aproximadamente 2.991,75m² de área construída no local, possuindo uma taxa de ocupação 36,47%.

O conjunto é composto por:

- Edificação do 1º Mercado Municipal
- Barracão
- Sanitários
- Galpão

Identifica-se que através destes, as materialidades empregadas em predominância podem ser categorizadas como ao convencional, estruturas sólidas com a utilização de aço e concreto.

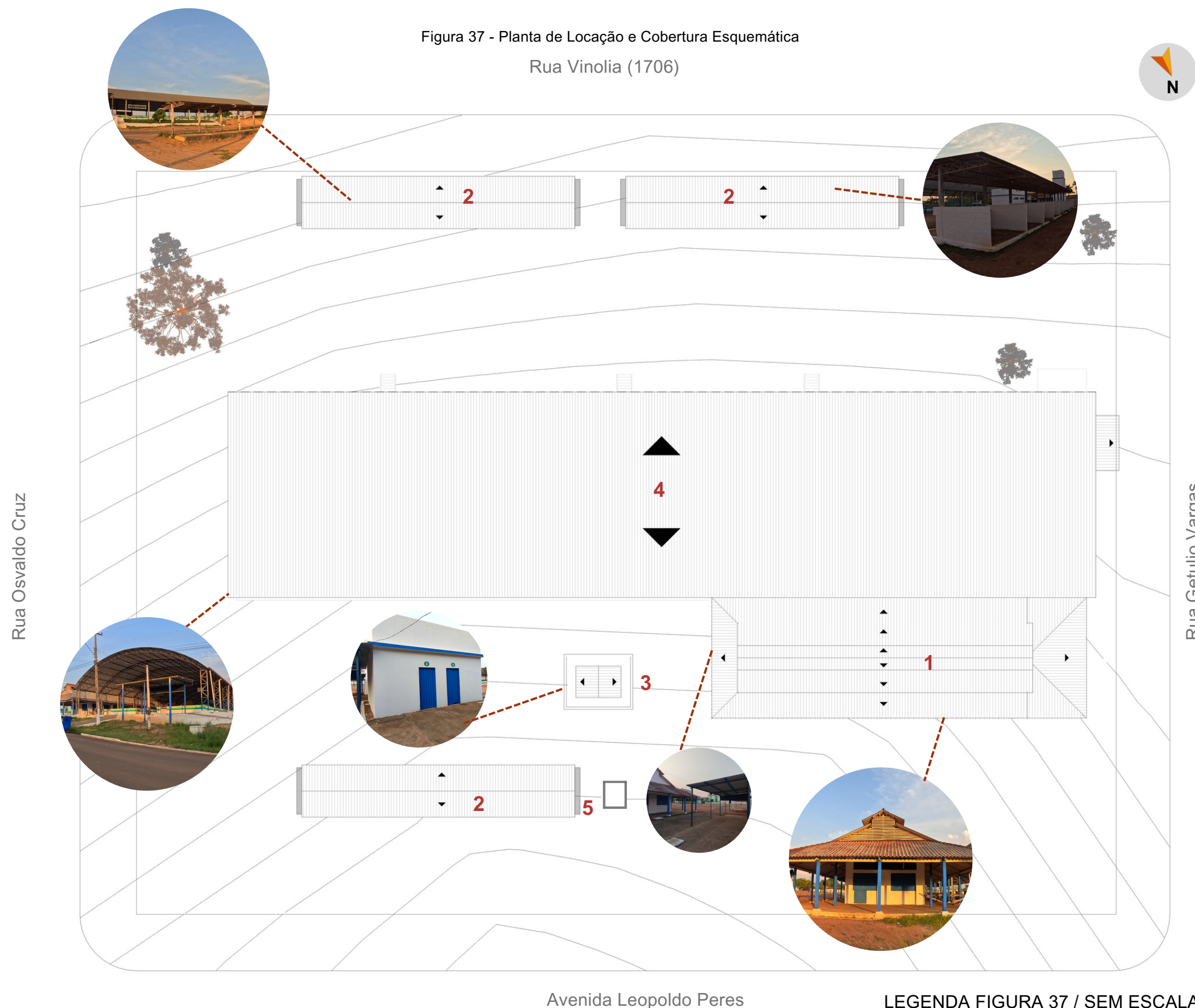
O funcionamento ocorre aos domingos de manhã.

A edificação antigo Mercado Municipal é sub utilizado como parte da feira em anexo com o galpão, onde está de fato os box com a disposição da feira.

Os barracões externos, indicados pelo nº 2, estão desativados para uso comercial. No mais, são utilizados por alguns como estacionamento de veículos e/ou bicicletas. Esses espaços foram construídos anteriormente o ano de 2006, onde era dispostos algumas barracas.

Figura 37 - Planta de Localização e Cobertura Esquemática

Rua Vinolia (1706)



Avenida Leopoldo Peres

LEGENDA FIGURA 37 / SEM ESCALA

1- Edificação do 1º Mercado Municipal | 2- Barracão | 3- Sanitários | 4- Galpão | 5- Caixa D'Água

Fonte: De autoria própria, 2023.

3.6 PLANTA BAIXA

Figura 38 - Planta Baixa Esquemática Existente

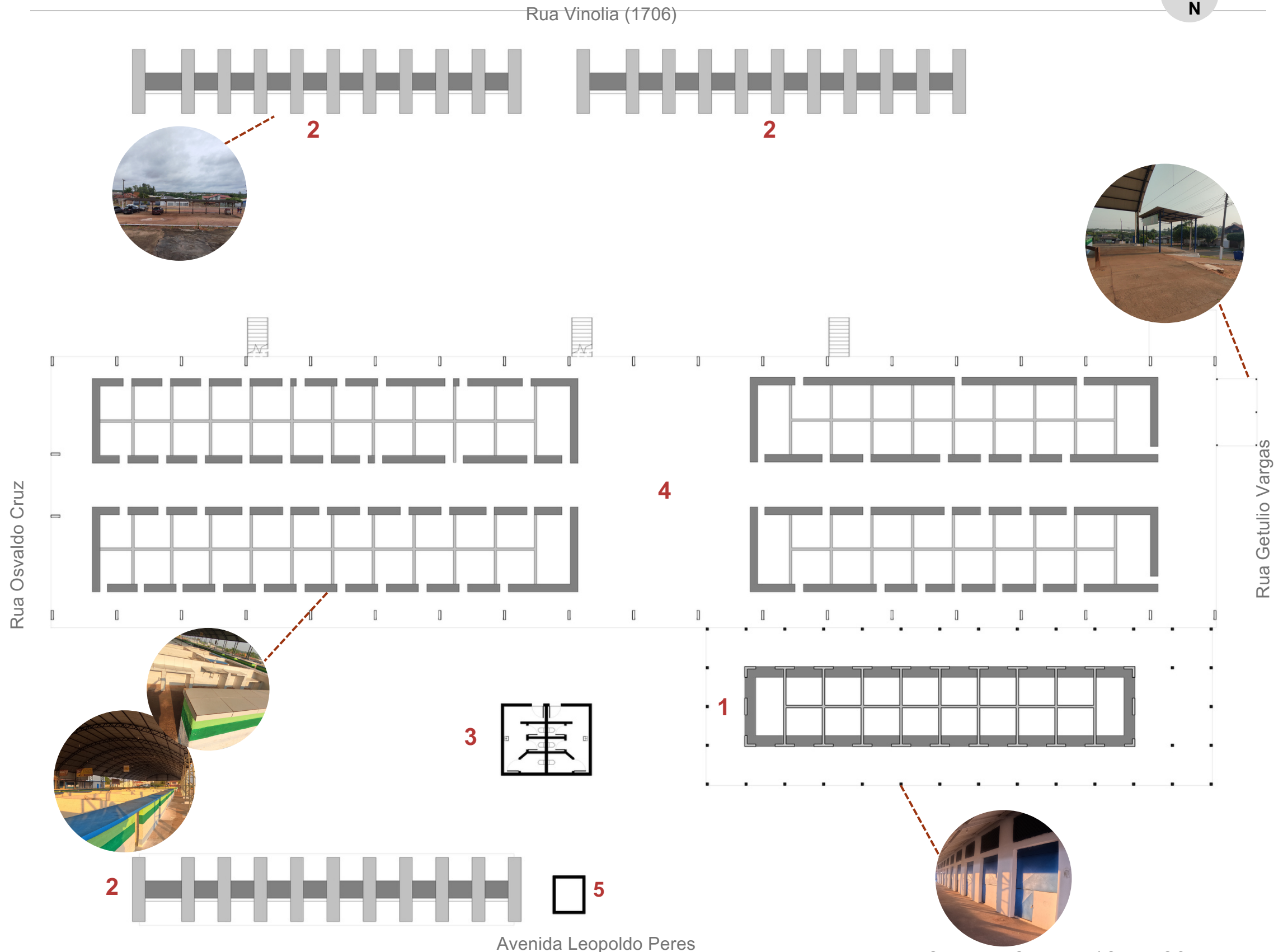


Ao adentrar no espaço e ser guiado através dos corredores, percebe-se o layout preponderante, sendo disperso em boxes, com formatos retangulares. Nota-se que, a partir da disposição dos boxes, são feitas as setorizações, acontecendo a separação por categorias e influenciando o consumidor no fluxo à ser seguido.

No bloco “1” está o setor principal de frios, sendo carnes, peixes, salames e similares.

Já no galpão principal (4) a venda destaca-se com de frutas e verduras, alimentação (pastel, tapioca, pão de queijo, etc) e produtos diversos como cosméticos, brinquedos e com vendedores ambulantes.

Existe também pessoas que se apropriaram do espaço externo por meio de barracas desmontáveis para oferecer seus produtos, sendo locadas no espaço externo - a fora do galpão.



LEGENDA FIGURA 38 / SEM ESCALA

1- Edificação do 1º Mercado Municipal | 2- Barracão | 3- Sanitários | 4- Galpão | 5- Caixa D'Água

Fonte: De autoria própria, 2023.

Quanto aos boxes no galpão, estes que são mais de 45 unidades, é possível observar a predominância de materiais rígidos, feitos para durar, tais como as paredes de divisões concretizadas com tijolos, possuindo um acabamento com texturas chapiscadas, denotando aspereza.

As bancadas principais para exposição dos produtos são feitas também com concreto e com uma acabamento “rebocado - liso” por cima, com uma pintura na coloração branca e alguns revestidos por conta própria do feirante com cerâmica.

Em alguns boxes, os quais não foram deteriorados, possuem instalações hidráulicas dispostas através de uma pia de mármore sintético e instalações elétricas.

Outro ponto importante quando tratado deste lugar, é a esquematização para carregamento e descarregamento de mercadorias, propositando de métodos e manuseios únicos - cada feirante com o seu - para realocação no devido lugar. Observa-se, principalmente, quanto aos esforços físicos, a corporalidade exercida durante essas funções.

Por fim, ao término do expediente, após a retirada de todas as mercadorias, é realizada a limpeza do local por meio da terceirização do serviço, deixando os espaços vazios e “sem vida”.



Figura 39 - Materialidades

Fonte: De autoria própria, 2023.

As alterações nos boxes são realizadas a fim de englobar mais espaços e permitindo, por exemplo, exposições de seus respectivos produtos conforme a necessidade, tais como a ampliação de bancadas, inserção de barracas móveis e utilização do piso.



PONDERAÇÕES: FEIRA-ARQUITETURA E FEIRA-MOBILIÁRIO

Percebe-se que, quanto a definições arquitetônicas, tais como setorizações e funcionalidades, essas feiras possuem aproximações entre a dualidade do modo de agir do arquiteto e o do não-arquiteto, sendo mediante os percursos e disposições das mercancias. Em ambas tipologias, é possível encontrar variados tipos de produtos, tais como frutas e verduras, peixes, massas, temperos, raízes, roupas, brinquedos e eletrônicos, tornando o meio atizado também pela multi cores, sabores, odores e texturas.

O modo em que acontece a circulação de pessoas, fazendo-os que as tenham proximidade físicas e abstratas, estas que acontecem ao procurarem um determinado produto ou durante a circulação diante o trajeto, podendo ser um encostamento corporal, o “olho no olho”, encontros e saudações. Nestes momentos, é difícil sair ileso de contato com outros, mesmo quando a tendência de alguns é desviar para não se esbarrar, cumprimentar ou “ver de longe”.

Esses fatores mostram que a feira livre vai ao encontro do patrimônio imaterial, tangendo o vivenciado, a cultura, os saberes, linguagens, as sociabilidades e também espaços, necessitando de preservação. Não detém apenas como uma prática e o acontecimento em um lugar, com um único material e padronizado. São como uma reserva antropológica da condição humana [...] Um grande organismo vivo e em incessante ebulição de formas [...] que pulsam de vida (LUCENA, 2016, p. 68 e 69).

Por um lado, a rigidez e o “definido”, o galpão, traz uma maior segurança e menos esforço físico aos corpos, aos feirantes. Exemplo disso é não necessitar, com frequência, de montar, cortar, pregar, instalar e puxar fios, procurar uma torneira... esforços estes que são essenciais na feira-mobiliário, de rua, para que garanta o funcionamento da atividade. Mas não descarta mudanças e aperfeiçoamentos, não implica em uma permanência completamente imutável. Acontece que a materialidade existente designa menos alternâncias.

Ora, já na feira-mobiliário, permite-se espaços mais flexíveis, e ainda assim denotando como arquitetura. Nos mostra que, vão além de parâmetros determinados, fazendo o acontecimento com o mínimo estabelecido. Entende-se que possuem uma dificuldade menor em realizar alterações nos objetos físicos a fim de modificarem para o uso.

Entende-se que ambos casos não possuem uma centralidade com indicadores, placas ou manuais a serem seguidos integralmente (a não ser regulamentações e decretos estabelecidos pelo município onde tem por finalidade disciplinar e normatizar a comercialização), até porque sabemos que o acontecimento não se faz de forma metódica em nenhuma das situações apresentadas.

⁵ Ressalta-se que quanto às legislações advindas do município para este campo - feira - na cidade de Vilhena são descritas através do Regulamento Normativo-Disciplinas do Exercício do Comércio nas Feiras Livres e dá Outras Providências, pelo decreto de nº 23.572/2011.

Em todo caso, é importante notabilizar que as feiras são para acesso de todos, coletiva e democrática, não demandando autorizações e sistematizações. São objetos únicos. Fazem acontecer independente das materialidades.

Essa reflexão se dá, pois os arquitetos, quase sempre definem a arquitetura como início e fim, seguindo padrões aprendidos os quais envolvem prioritariamente o atendimento a normatizações. De certa forma, durante a academia, há dinamismo para abertura da criatividade, mas que devido aos processos de institucionalização, demandam limitações, acabando por enrijecer, muita das vezes, as criações, construções alternativas e artísticas, e nas formas de modificar ou intervir no objeto. Ou seja, lançamos, na maioria das vezes, fórmulas rotuladas a ser seguidas.

Portanto, as feiras por si só, desde seu surgimento, são um fator urbano e social, uma alteridade que possui disposições, características, delimitações, estética e arquitetura própria que pode ampliar nosso leque de fórmulas e formas de intervir no espaço.

Visto isso, o esforço durante o período de formação, o método institucionalizado, na maioria das vezes, induz a produção de projetos com materialidades fixas, rígidas, planejadas que possuem relação com a abordagem referente a feira-arquitetura, que visam o “uno” e o “todo”.

Por outro lado, na arquitetura de não arquitetos, aqui tratado como feira-mobiliário, mostra-se barracas desmontáveis, de ruas, confirmando a capacidade de serem móveis, efêmeras, fragmentadas e adaptáveis às mudanças.

A versatilidade produzida por um arquiteto e um não-arquiteto possui um caráter diferente. A dualidade não quer dizer que uma arquitetura é melhor que a outra no campo de mérito, mas convém apresentar as duas dimensões a fim de matizar as diferentes formas de agir no espaço como potências a serem exploradas, problematizando e complexificando a atuação do arquiteto e urbanista.

Dito isso, entende-se que esquemas técnicos são necessários, porém nem sempre essa linguagem demonstra certas nuances do espaço vivenciado através dos seus instrumentos clássicos de representação. Nota-se a perda de dimensões nessa transposição representacional, como do sensorial, da subjetividade, das apropriações e abstrações do existente.

De fato, os métodos institucionais são importantes para trazer informações projetuais, portanto, se faz necessário visualizar novas referências, como por exemplo estudos da Paola Jacques, a fim de buscar a explicação dos fenômenos e articulações presentes.

Vale ressaltar também que, uma outra dimensão a ser considerada é quando trata-se de corpos neste campo estudado, observamos a existência, também, de duas dimensões: a institucionalizada, as quais nos apoiamos, normalmente, para o desenvolvimento de projetos como abordado no livro “A arte de projetar” por Ernst Neufert e o corpo na dimensão feira que está engajado na produção espacial indo além de esquematizações pré determinadas, indo além do corpo ideal. Aqui, trata-se do corpo que encontra caminhos e jeitos. Do corpo que se esforça. Corpo que encontra caminhos para acontecer (JACQUES, 2011).

Por fim, e não menos importante, a dimensão inventividade - a gambiarra.

Esta proporção envolve fatores fragmentários, a transformação contínua, não se limitando à perfeição, não necessariamente o durável, o qual mostrou diretamente neste campo, seja na montagem, no processo de acontecimento, no depósito, nos expositores ou nos caminhos.

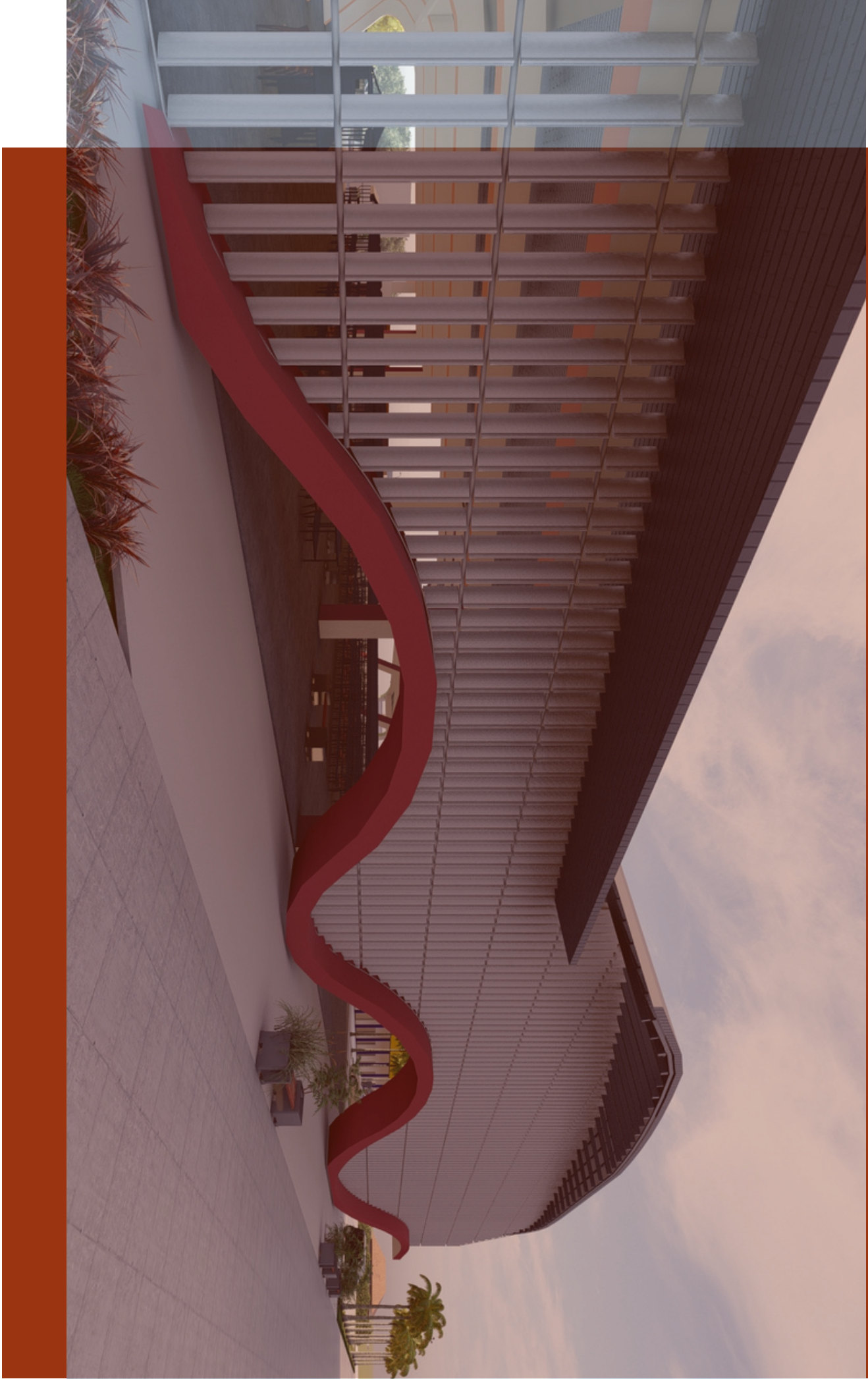
PONTOS A SER EXPLORADOS

- Instalações Elétricas e Hidráulicas;
- Esforço Físico;
- Carregamento e Descarregamento de Mercadorias;
- Versatilidade.

PONTOS A SER PONDERADOS

- Estruturas rígidas;
- Layout;
- Mobiliários;
- Acessos.





05

PROPOSTA PROJETOAL

Figura 40 - Vista Superior Feira Armindo Esquemática



Fonte: Adaptado Google Maps.

5.1 PAINEL REFERENCIAL

Através do painel referencial buscou-se trabalhar com fragmentos de projetos múltiplos na tentativa de extrair lições formais e funcionais com repertório diversos, consistindo em ideias nas quais houveram absorção e interesse por alguns elementos estes que foram aplicados na proposta. Segue abaixo a descrição da relação entre a imagem e o projeto:

ADAPTAÇÃO: possibilidade de alterar, mudar, estender, diminuir e se apropriar conforme a necessidade do momento.

ENERGIA E VITALDADE: relação com o cultural, afetivo e simbólico. Cores que denotam sensações daquilo que os feirantes estão carregados sempre.

PRÁTICAS: reprodução e aprimoramentos de técnicas mediante o local de trabalho. A visualização de pessoas externas com a “fonte”, o cru, o início.

FLEXIBILIDADE: montagem e diagramação do mobiliário conforme o produto. Possibilidade de aumentar, pendurar, abaixar.

AUTENTICIDADE: cada usuários poder incrementar em seu espaço objetos e produtos de forma opcional.

RESISTÊNCIA: contato direto com o vendedor, neste caso o produtor rural. Troca de experiências e práticas. Visualização dos processos.

TRANSIÇÃO: caminhos com vegetação instigando acessar o “dentro”.

VERSATILIDADE: transformação do espaço de acordo com o uso.

TOPOGRAFIA E EXTERIOR: aproveitamento da topografia encontrada afim de utilizar como elementos a ser utilizados tais como por exemplo com mobiliários para apreciação da vista.

AMPLITUDE: espaços amplos que propõe visibilidade e integração entre os usuários.

ACESSOS: contato com vegetações denotando a sensação de calma.

ESFORÇOS: a importância, caos e sensibilidades do corpo humano e os esforços físicos neste tipo de ambiente.

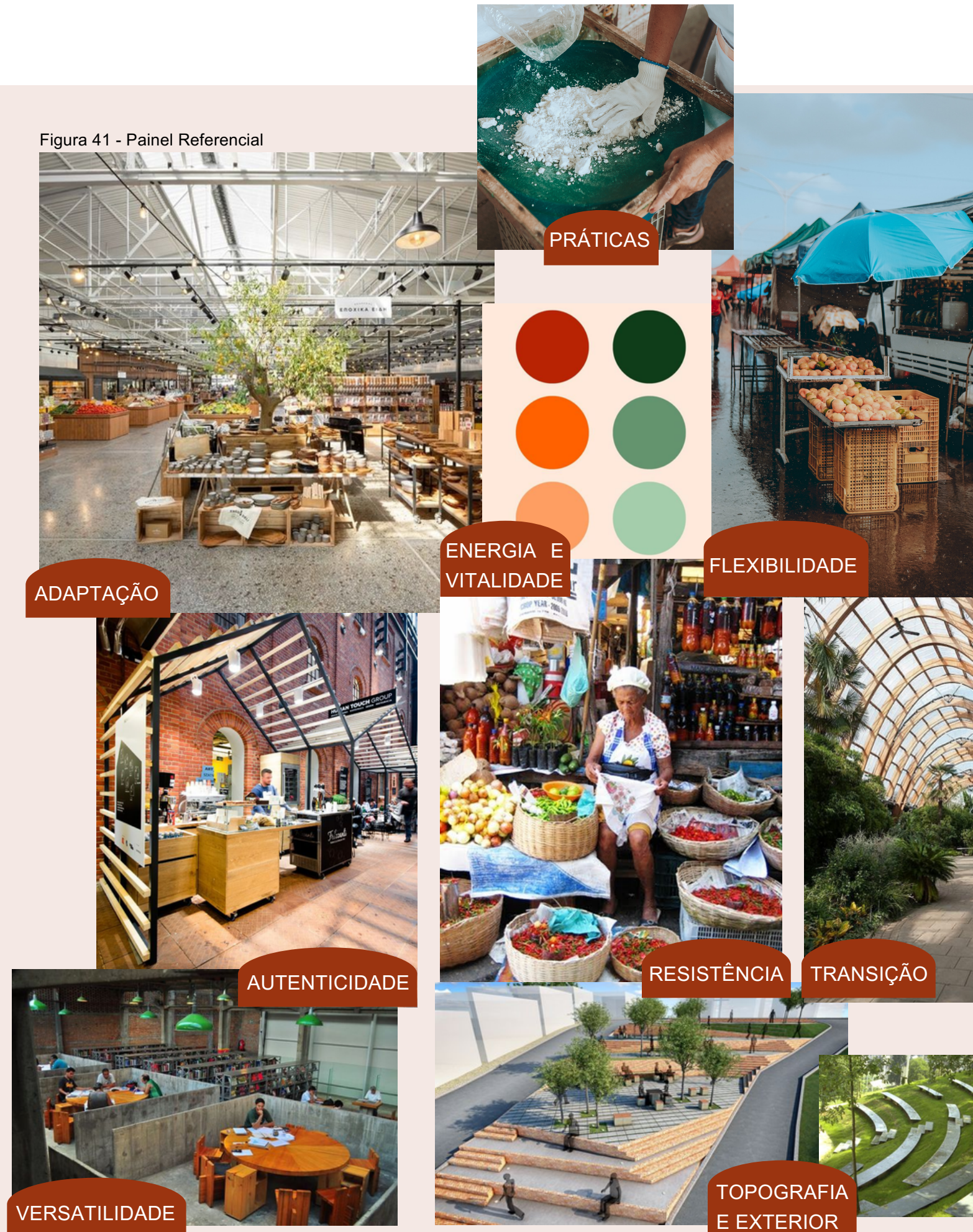
ALTERIDADE: facilidade em alterar o uno. Modificações conforme a necessidade. O rápido.

EXPOSIÇÃO: visibilidade dos produtos em níveis diferentes, alto e baixo, a possibilidade de dois ou mais mostruários, bem como a organização conforme cada feirante desejar.

MOVIMENTO: formas e caminhos curvos visando estímulo sensorial e proximidade com o meio.

OLHO NO OLHO: proximidades físicas e abstratas durante a circulação no trajeto.

Figura 41 - Painel Referencial





PROPOSTA

5.2 CONCEITO

A proposta consiste na requalificação do espaço funcional e estético com objetivo de torna-se um local que abrange atividades de serviço e socialização.

Detém de uma proposta em que busca exaltar aprendizados da feira livre rua e feira livre galpão. Dessa forma, unindo parâmetros considerados importantes e autênticos dos feirantes, maximizando principalmente quanto a flexibilização das áreas (*layout*) e mobiliários, tornando-o espaço-arquitetura possível para alternâncias para realizações de demais atividades se necessário, além da feira livre.

Além do mais, busca-se despertar o pertencimento dos usuários Vilhenenses comum todo, tornando-o local utilizável e requerido nos demais dias da semana.

Posto isso, ressalta-se quanto a integração das pessoas, seja entre os feirantes ou visitantes permitindo o contato de uns com os outros através do contato direto, sem muitas divisórias edificadas interferindo, estimulando até então a coletividade, o compartilhamento de vivências uns com os outros.

5.3 PARTIDO

FLEXIBILIDADE

- USO DO ESPAÇO - MODIFICAÇÃO DO LAYOUT PARA ADAPTAR À OUTRAS TIPOLOGIAS DE ATIVIDADES.

PERTECIMENTO

- ESPAÇO ATRATIVO QUE INSTIGUE O PASSEIO E LAZER ALÉM DO DIA "FEIRA".
- CONTEMPLAÇÃO EXTERNA ATRAVÉS DE ESCADARIAS LOCADAS PARA QUE OS USUÁRIOS POSSAM SE ACOMODAR E DESLUMBRAR DA VISTA.
- CONTATO COM A NATUREZA ATRAVÉS DOS JARDINS E ÁREAS VERDES.
- PERCEPÇÃO DA HISTÓRIA - EDIFICAÇÃO DO 1º MERCADO MUNICIPAL DA CIDADE.

INTEGRAÇÃO

- TRANSIÇÕES ARQUITETÔNICAS E SETORIAIS ATRAVÉS DA SUAUIZAÇÃO COM FORMAS CURVAS E VEGETAÇÃO.
- RITMO ADOTADO DAS ESTRUTURAS EXTERNAS.

COLETIVIDADE

- OLHO NO OLHO - VISIBILIDADE DE PESSOAS.
- VISIBILIDADE DE BARRACAS E PRODUTOS VIZINHOS.
- TROCAS CULTURAIS, DE VALORES, HISTÓRIA.

Fonte: Colagem de autoria própria, 2023.
Ver referências na pág. 60.

5.4 PRINCIPAIS DESAFIOS

TOPOGRAFIA

Desnível acentuado, conseqüentemente, remanejamento de terras e minimização dos impactos através da inserção de mobiliários.

DINÂMICA CARGA E DESCARGA

Ação realizada pelos feirantes em que utilizam do espaço galpão com seus veículos para aproximar de suas barracas/box para carregamentos e descarregamentos de seus produtos.

RELAÇÃO PROJETO E EDIFICAÇÃO EXISTENTE

Tendo em vista que a edificação já existente no local, o 1º Mercado Municipal da cidade, não possui tombamento como patrimônio mas possui apego cultural e ser um marco histórico objetivou-se mantê-lo e apropriar como local de apoio para feira e outras atividades que possam ser desenvolvidas no local.

Em quesitos arquitetônicos, a fim de relacionar o novo com o existente, a apropriação dos estilos tornou-se visível através dos traços e elementos inseridos tais como:

- Ritmo Estrutural - sequência e espaçamento dos pilares
- *Lanternim* - ventilação e iluminação
- Visibilidade das duas edificações em diferentes pontos
- Paisagismo: sequência de palmeiras denotando ritmo e imponência

DIRETRIZES PROJETUAIS

Tomando como base para a concepção da proposta os estudos, revisão e análises a bordados na apresentação do tema, na qual compreendeu-se quanto as dinâmicas das feiras livres, com foco nas duas percorridas neste trabalho. Diante disso, decisões projetuais fundamentais foram estabelecidas tais como:

- Planejamento: espaços flexíveis com mobiliários móveis.
- Carga e Descarga: priorizar a dinâmica já realizada pelos feirantes a qual persiste a vários anos, permitindo o acesso de veículos próximo a suas respectivas barracas/box.
- Segurança: conciliar o externo com a edificação galpão, favorecendo a utilização do espaço “praça” no período noturno.

CARACTERÍSTICAS PLÁSTICAS

FORMA

Com objetivo de transmitir movimento e alteridades possui grandes arcos dando ênfase em sua forma lente convexa. Outro ponto importante é a união estética e estrutural, visto que o galpão necessita vencer grandes vãos.

A forma possui assimetrias leves, tornando ela menos previsível e monótona, mas sem causar tensão pela imprevisibilidade. Destaca-se o elemento em vermelho o qual foi incluso pensando no conforto e utilização. Conforto por servir como barreira e apoio protetivo para dias chuvosos e por conta da incidência solar. Quanto a utilização, o elemento pode ser usufruído em algumas partes como mobiliário (banco) aproximando os usuários da estrutura.

Figura 42 - Fachada Frontal Projetual



Fonte: Autoria própria, 2023.

5.5 MACRO SETORIZAÇÃO - PROGRAMA DE NECESSIDADES

AV. BEIRA RIO



PROGRAMA DE NECESSIDADES

1 Feira

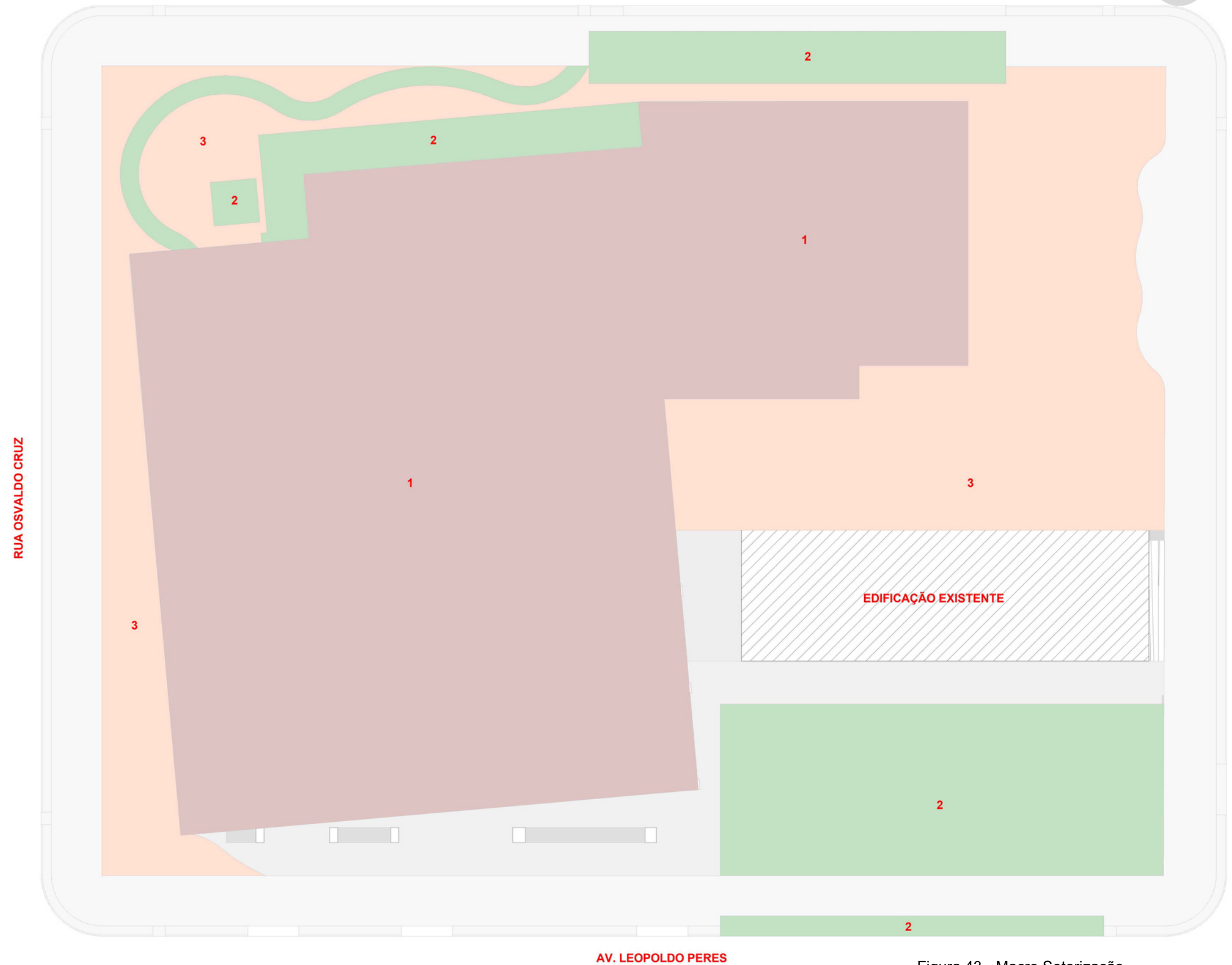
Box e/ou Barracas

2 Apoio

Banheiros;
Lavatório;
Bebedouro;
Lixeiros;
Rampa;
Estacionamentos.

3 Lazer e Contemplação

Jardins e Espaços Verdes;
Escadarias;
Mobiliários Externos.



AV. LEOPOLDO PERES

Figura 43 - Macro Setorização
Fonte: Autoria própria, 2023.

5.6 LOCAÇÃO

A locação da edificação se deu principalmente por fatores climáticos tais como incidência solar e ventos predominantes considerando o uso predominante. Conseqüentemente, foi realizado a locação com giro de 5° sentido oeste objetivando menor incidência solar nas fachadas norte e oeste.

Além do mais, observou-se também quanto a edificação já existente no local e a qual se manterá, o 1º mercado municipal da cidade. Diante disso, a visibilidade da edificação se faz importante, sendo realçada a visibilidade também através da edificação nova.

Buscou-se manter o alinhamento das calçadas com os demais lotes próximos, além utilizar materiais condizentes (concreto), evitando trepidações permitindo o passeio de forma segura por todos.

*Ressalta-se que elementos de acessibilidade foram pensando, portanto, com a escala da planta não é possível a visualização.

5.7 COBERTURA

Distinguiu-se em 3 coberturas com níveis diferentes. Todas destaca-se por possuir estrutura metálica, pressupondo a grande carga advinda de grandes vãos. Dito isso, através da curvatura existente utilizou-se a telha calandrada pois pode ser levemente flexionada e transformada até chegar a curvatura desejada.

Considerando a importância da refrigeração, bem como um ambiente confortável deixou-se *lanternim* as coberturas instigando a passagem de ventilação.

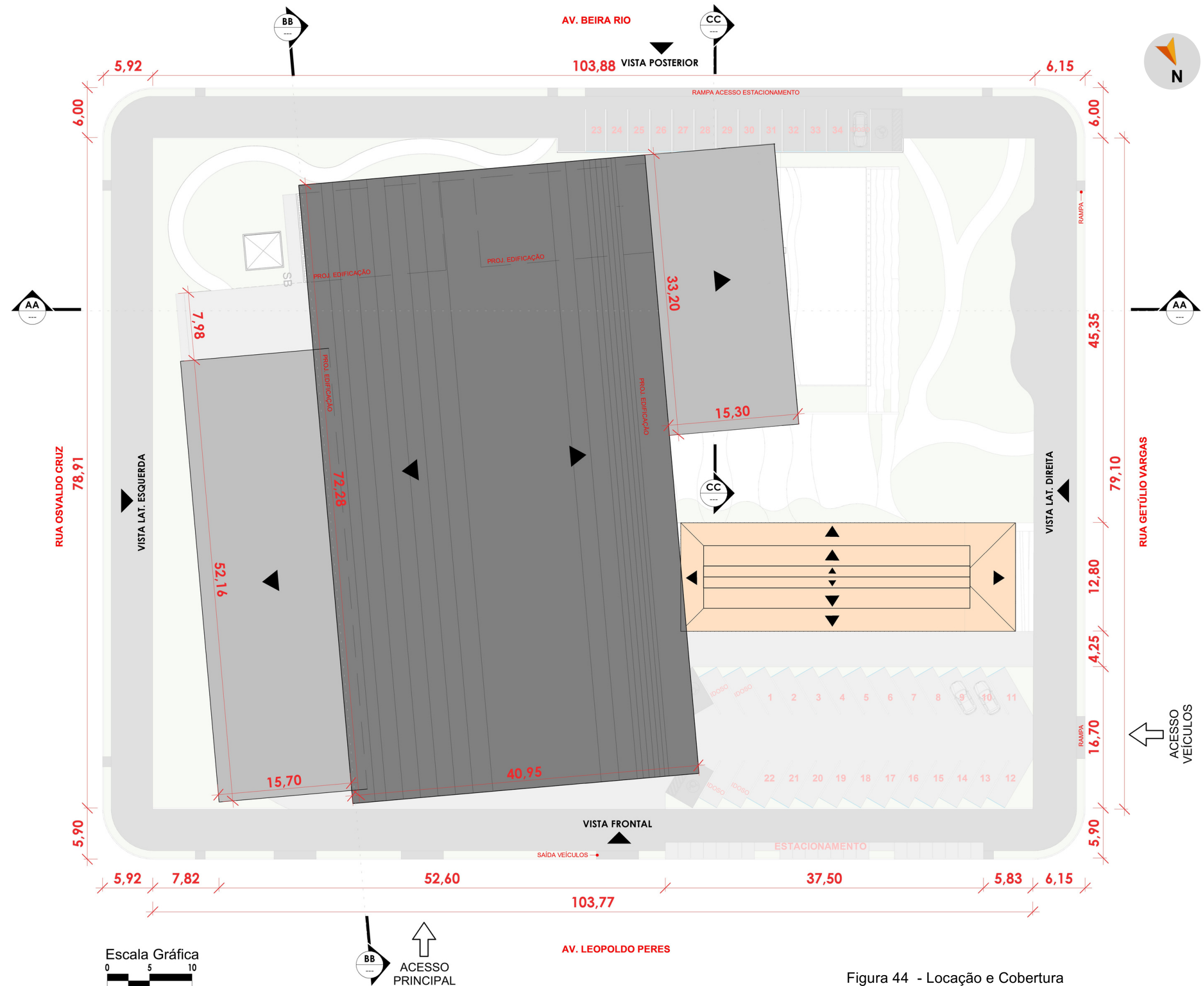
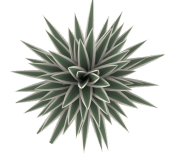


Figura 44 - Locação e Cobertura
Fonte: Autoria própria, 2023.

5.8 PAISAGISMO

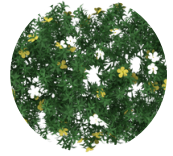
A proposta consistiu em integração e paisagem, objetivando a transformação do espaço para utilização e vivência dos usuários buscando realçar as edificações presentes e mantendo o contato com elementos naturais através das plantas utilizadas.



AGAVE



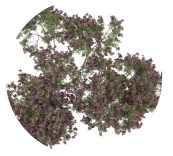
ORELHA DE ELEFANTE



MOREIA



LAMBARI



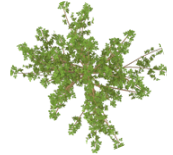
RESEDÁ



PALMEIRA IMPERIAL



PALMEIRA REAL



IPÊ



SIBIPIRUNA

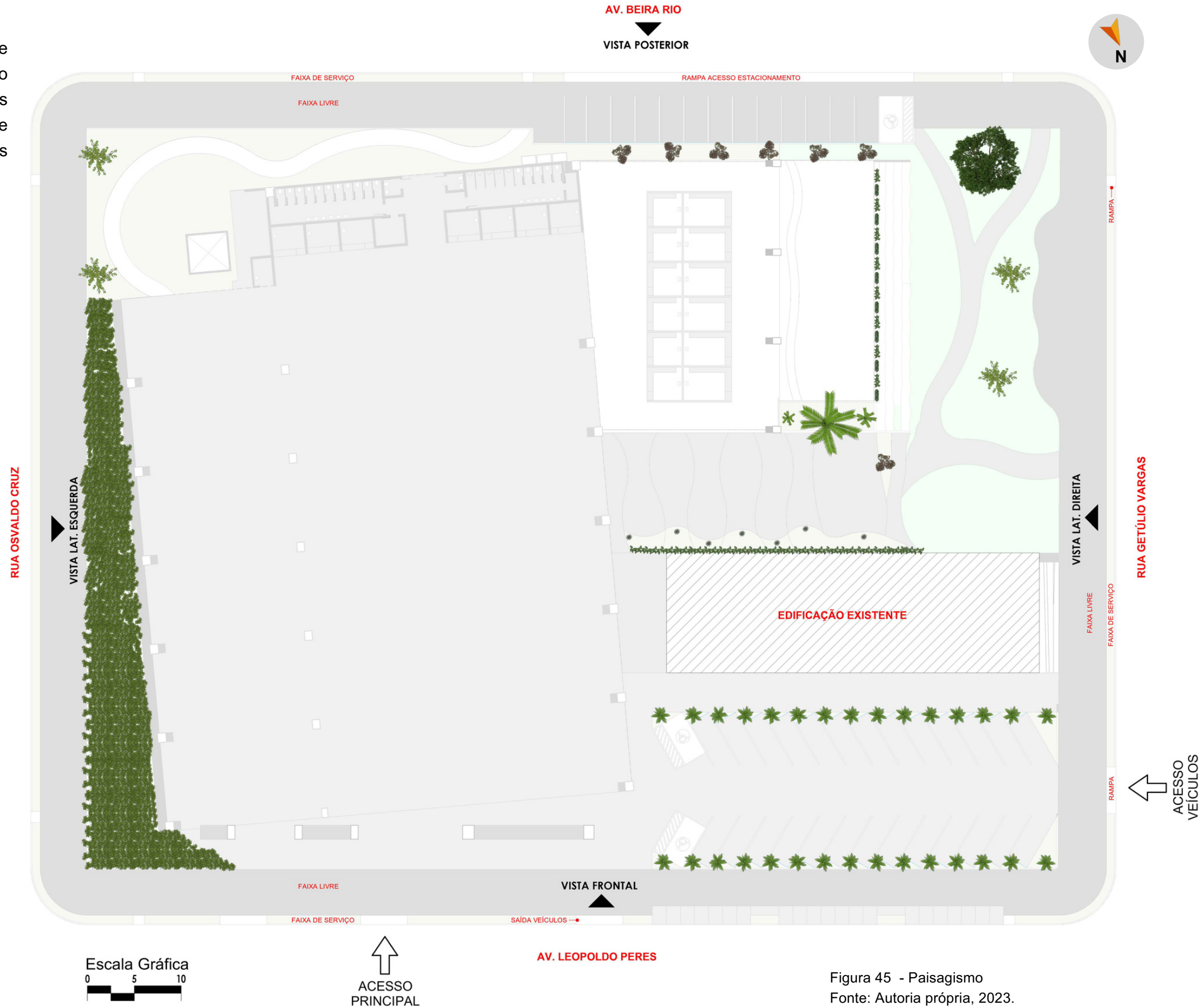
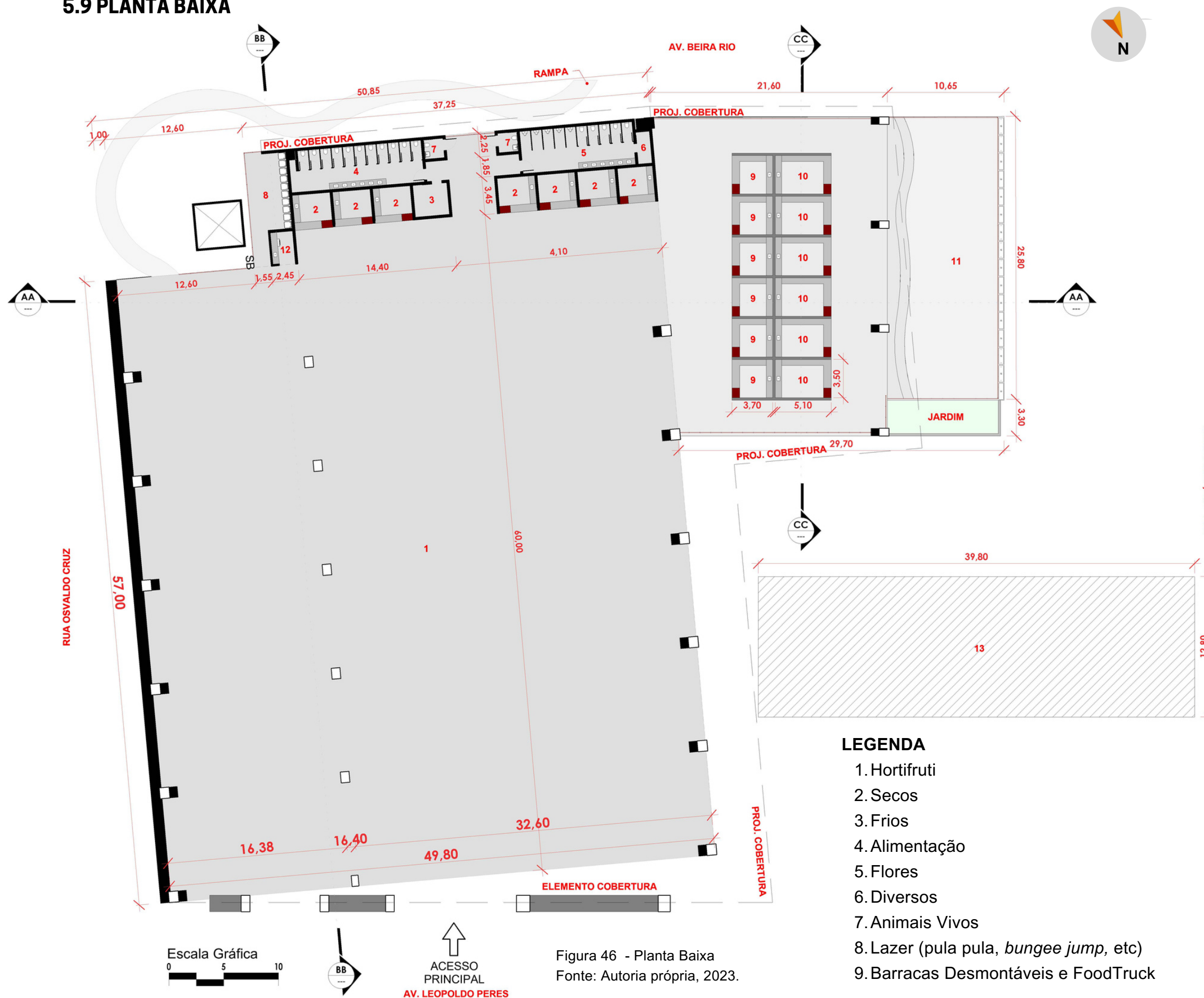


Figura 45 - Paisagismo
Fonte: Autoria própria, 2023.

5.9 PLANTA BAIXA



DADOS

- Galpão 3.042,07 m²
- Box Fixo 10,42 m²
- Fraldário 9,25 m²
- BWC Feminino 45,45 m²
- BWC Masculino 40,35 m²
- Depósito 3,80 m²
- BWC PCD 3,92 m²
- Lixeiras e Equipamentos 32,12 m²
- Box Fixo: 13,02 m
- Box Fixo: 17,89 m²
- Área Externa: 275,63 m²
- Bebedouro e Lavatório: 6,00 m²
- Edificação Existente: 509,44 m²

Área Total Galpão: 3.286,55 m²

Área Total Galpão Alimentação: 590,73 m²

Área Terreno: 8.202,69 m²

Área Construída: 4.152,91 m²

Área Projeção da Cobertura: 457,11 m²

Área Total (Constr. + Existente): 5.119,46 m²

Taxa de Ocupação: 62,41%

5.10 PLANTA BAIXA HUMANIZADA

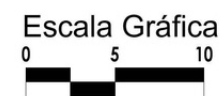
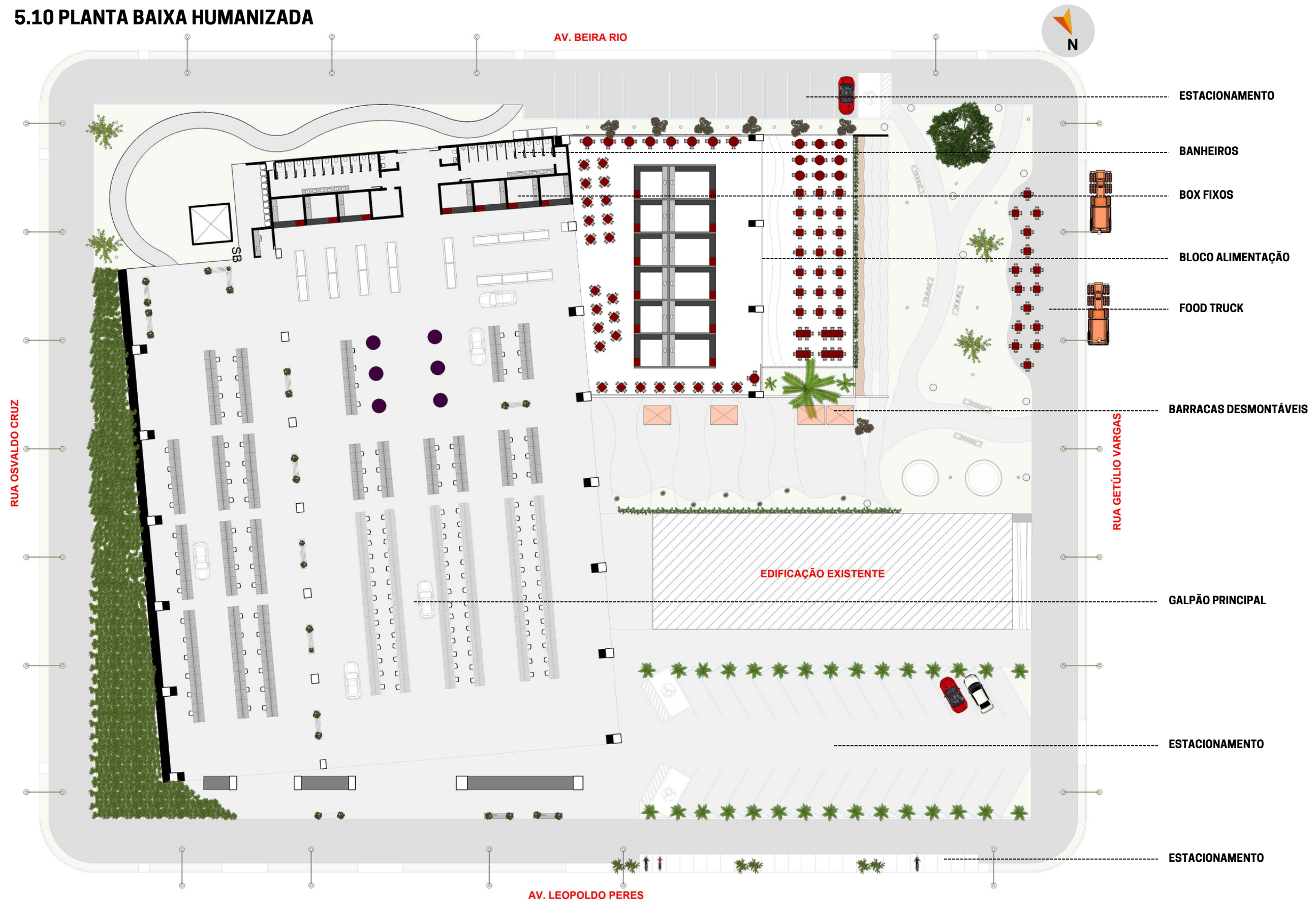


Figura 47 - Planta Baixa Humanizada
 Fonte: Autoria própria, 2023.

5.11 LAYOUT

Com objetivo de propor a flexibilidade no espaço conforme a necessidade e o uso, o layout prevê a disponibilidade de montagem de várias formas, podendo ser esquematizado as alterações pelos usuários principais e discutido com os responsáveis para adequação conforme o melhor para a maioria.

Nestes casos apresenta-se dois modelos de layout. Veja na plantas ao lado.

DESCRIÇÃO DOS SETORES E LEGENDA

1. Hortifruti (frutas e verduras)
2. Secos (ervas e produtos naturais, mel, temperos, pão, etc)
3. Frios (carnes bovinas e suínas, peixes, salames, etc)
4. Alimentação (pastel, pão de queijo, tapioca, etc)
5. Flores
6. Diversos (cosméticos, facas, redes, brinquedos etc)
7. Animais Vivos (galinhas, peixes ornamentais, etc)
8. Lazer (pula pula, *bungee jump*, etc)
9. Barracas Desmontáveis e FoodTruck

LEGENDA

- Hortifruti: VERDE
- Secos: MARROM
- Frios: AZUL
- Alimentação: ROSA
- Flores: VERMELHO
- Diversos: ROXO
- Animais Vivos: AMARELO
- Lazer: VERDE ÁGUA
- Barracas Desmontáveis e FoodTruck: LARANJA

MICRO SETORIZAÇÃO | PROPOSTA 1

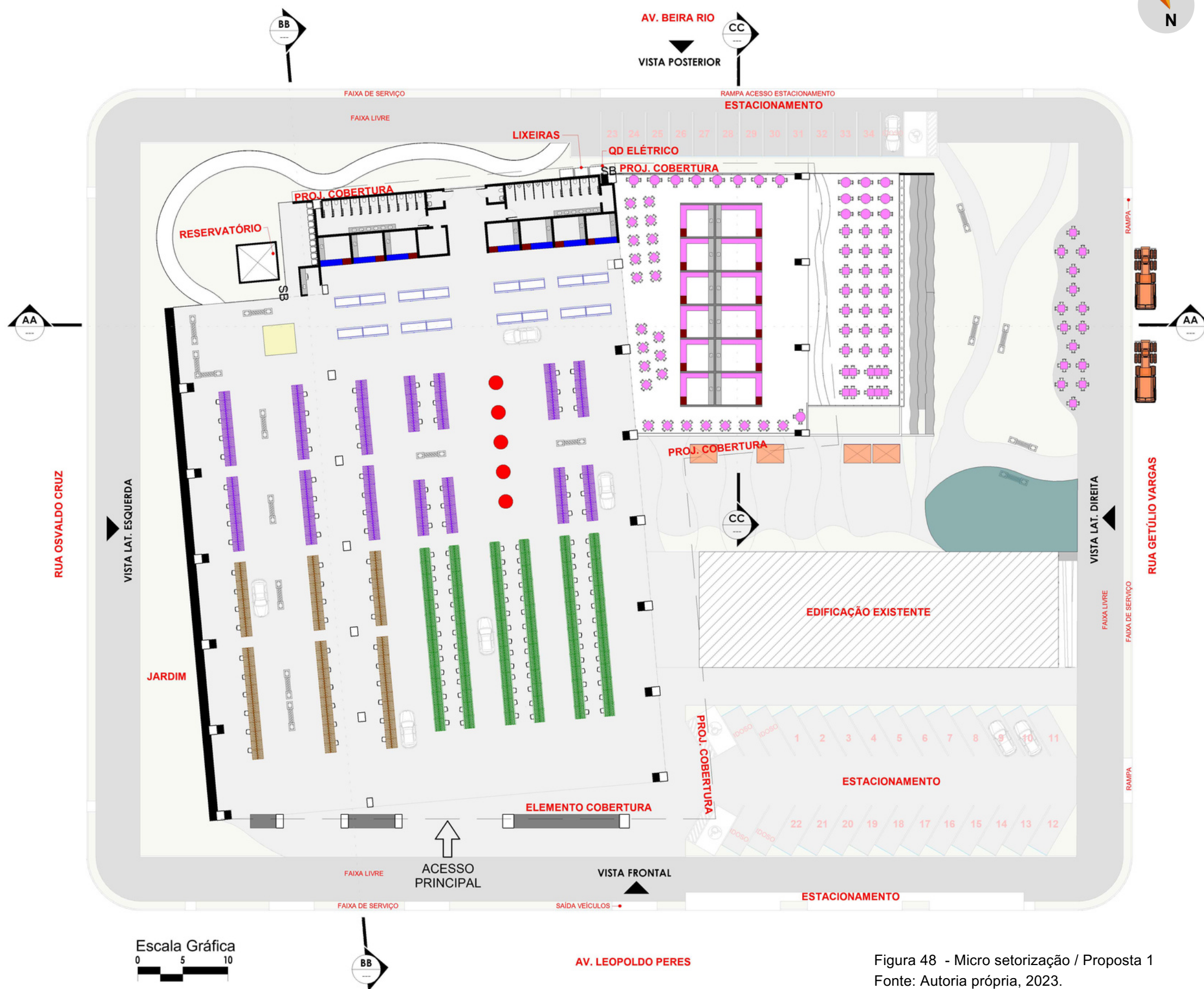
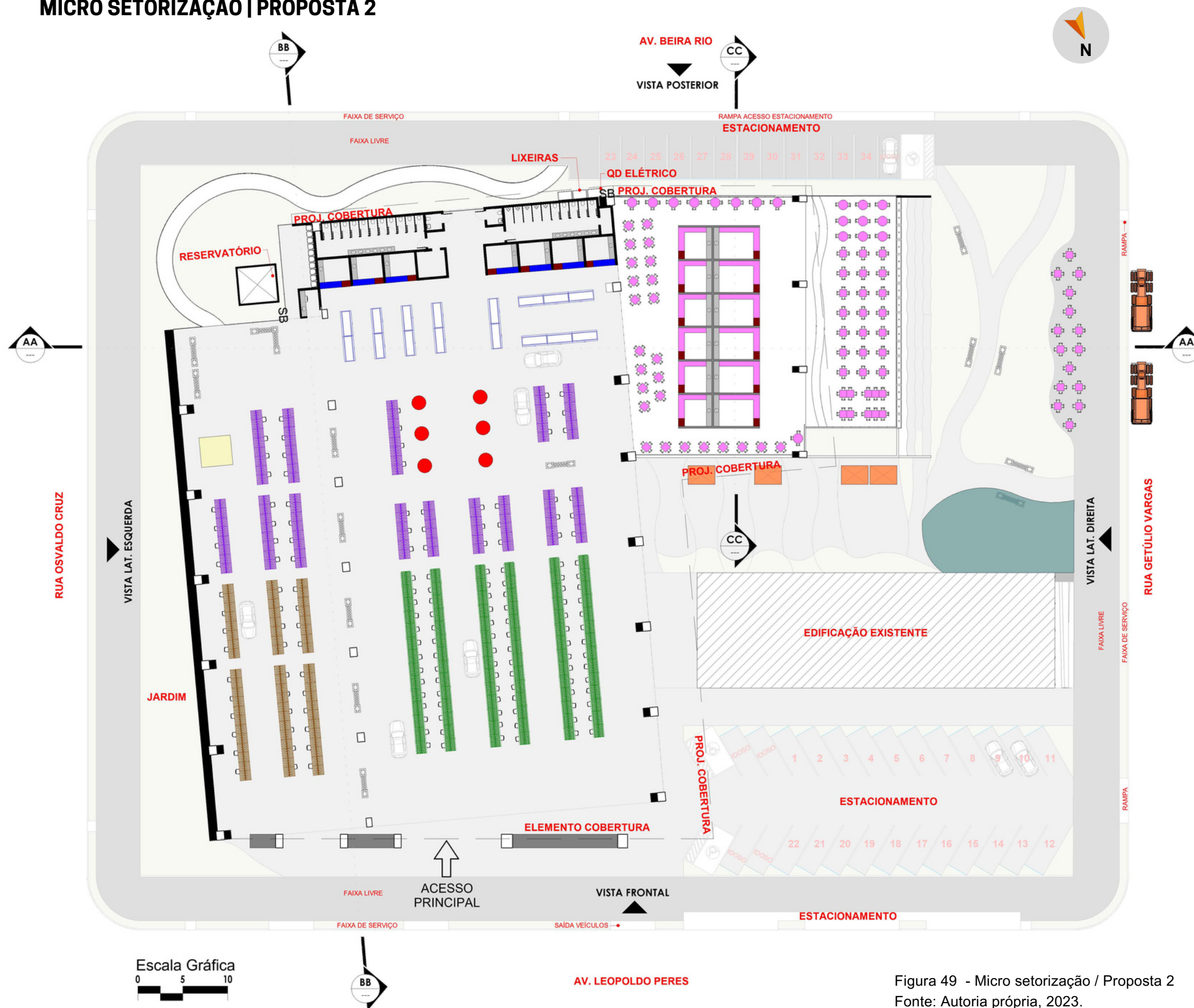


Figura 48 - Micro setorização / Proposta 1
Fonte: Autoria própria, 2023.

MICRO SETORIZAÇÃO | PROPOSTA 2



Mediante as propostas de *Layout* buscou-se instigar a flexibilidade, bem como mostrar a disponibilidade de alterações dos mobiliários sem que a forma estrutural influencie diretamente nas disposições.

Pensando em novas disposições: sabe-se que o uso e o objetivo principal é a feira livre, portanto, por disponibilidade da área em dias diferentes torna-se possível usufruir com demais atividades. Inclusive, se pensa que, quanto a área de alimentação pode haver comerciantes - se liberado pelo órgão responsável - que utilizem do espaços dia a dia, fortalecendo o comércio local e oferecendo seus produtos que também são encontrados na feira livre nos demais dias.

Figura 49 - Micro setorização / Proposta 2
Fonte: Autoria própria, 2023.

5.12 CORTES E VISTAS

CORTE AA

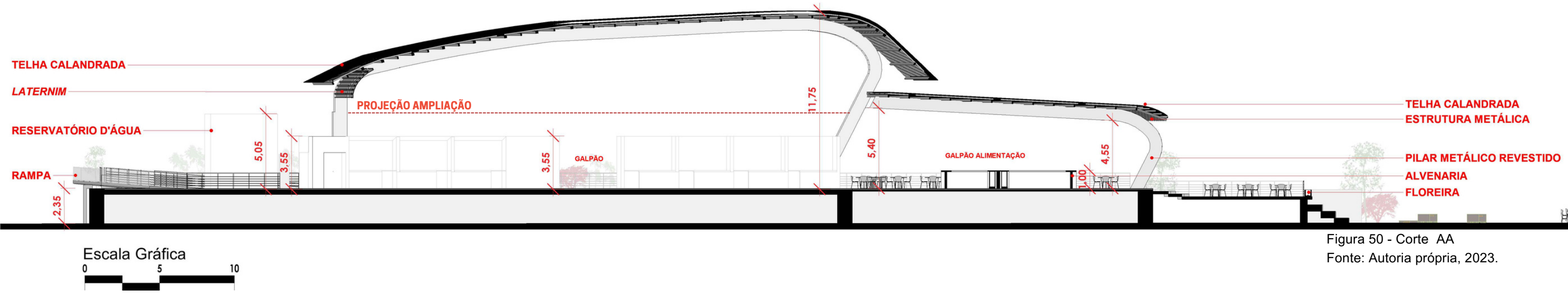
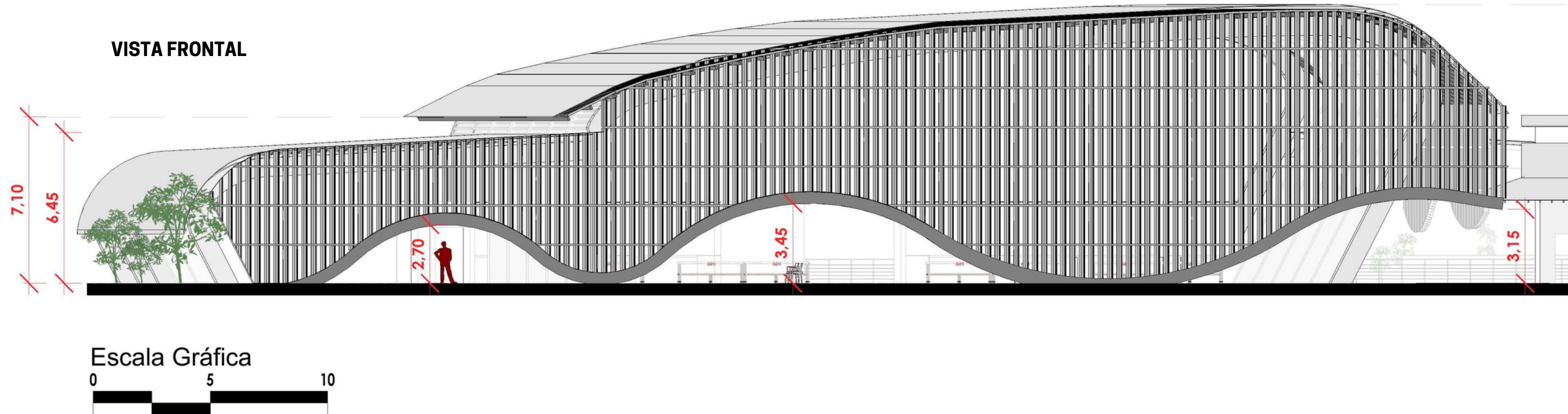


Figura 50 - Corte AA
Fonte: Autoria própria, 2023.

VISTA FRONTAL



CORTE BB

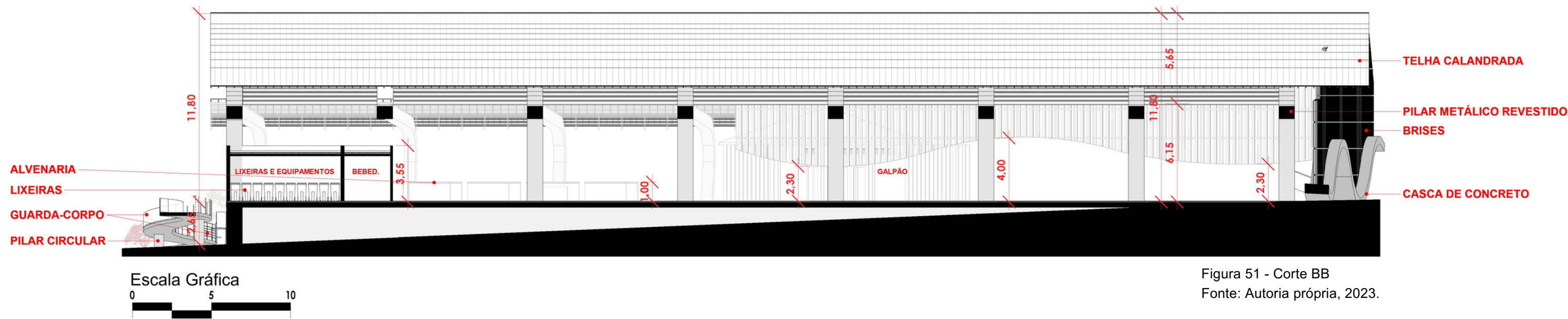


Figura 51 - Corte BB
Fonte: Autoria própria, 2023.

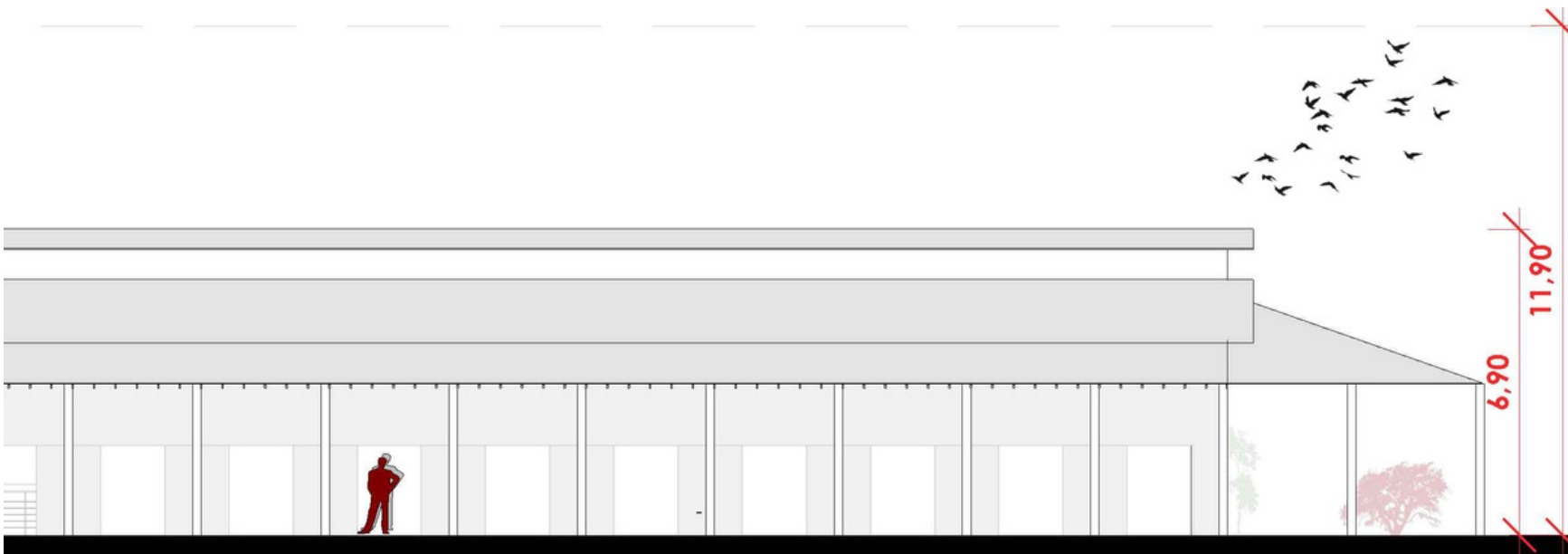


Figura 52 - Vista Frontal
Fonte: Autoria própria, 2023.

Através dos cortes é possível observar a dimensão da estrutura projetada e suas materialidades.

Pensando no crescimento da cidade e futuras ampliações caso necessário para o local, no bloco de maior altura prevê-se a possibilidade da inserção de um pavimento (Corte AA), podendo ser com estrutura pré-moldada, sendo anexadas no complexo.

No corte BB é possível observar, além itens essenciais tais como dimensões - alturas - também as estruturas, principalmente as quais relacionam com a topografia, fazendo necessário a planificação do piso, portanto, mantendo a topografia atual e adequando-o com a infraestrutura quando necessário.

Na fachada principal, a qual possui também o acesso principal, destaca-se através do respectivo brises utilizado para minimizar os impactos climáticos, incidência solar, e trazendo consigo apelo estético referindo-se a movimento e sensorial através de seus respectivos reflexos.

Através do Corte CC é possível visualizar os mobiliários rígidos, nos quais são destinados ao setor de alimentação.

CORTE CC



Escala Gráfica

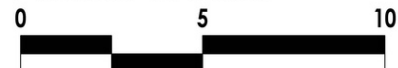
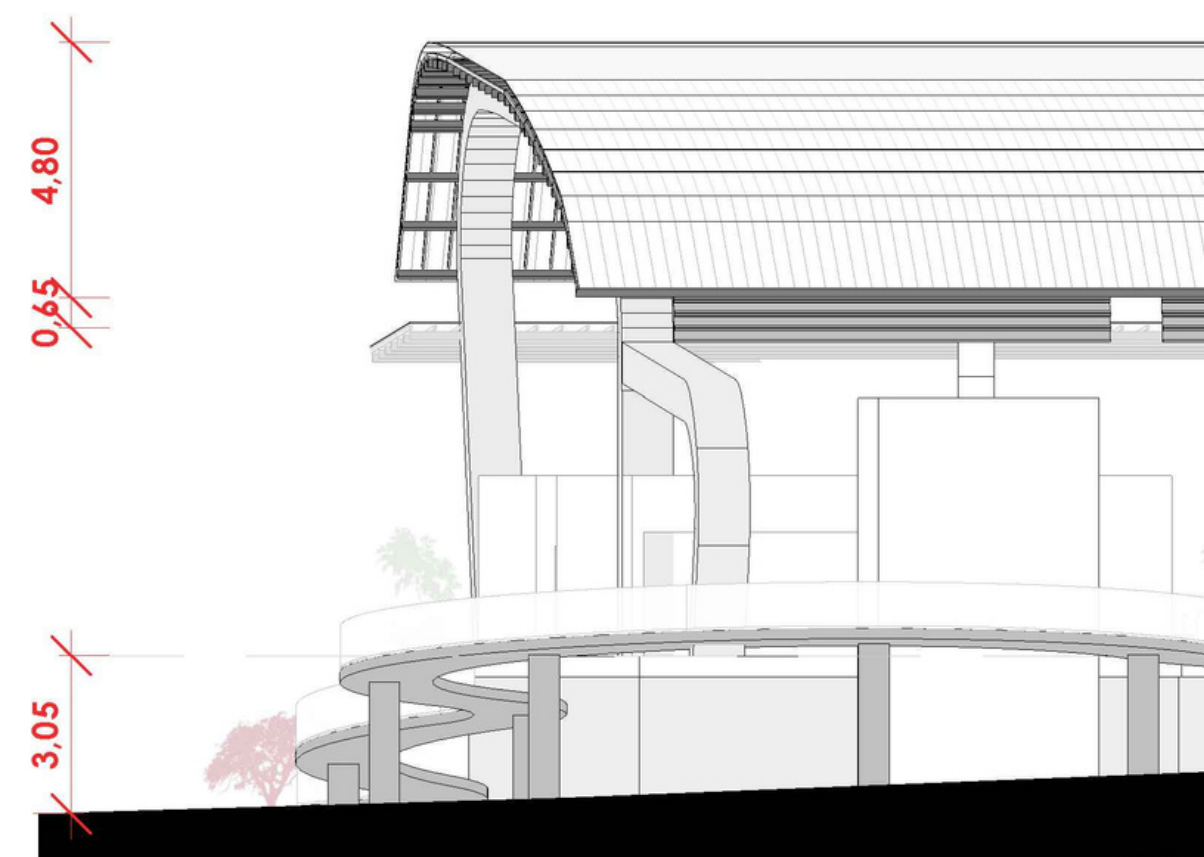
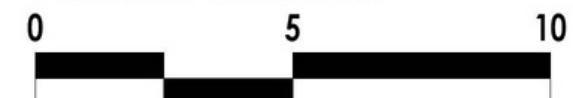


Figura 53 - Corte CC
Fonte: Autoria própria, 2023.

VISTA LATERAL ESQUERDA



Escala Gráfica



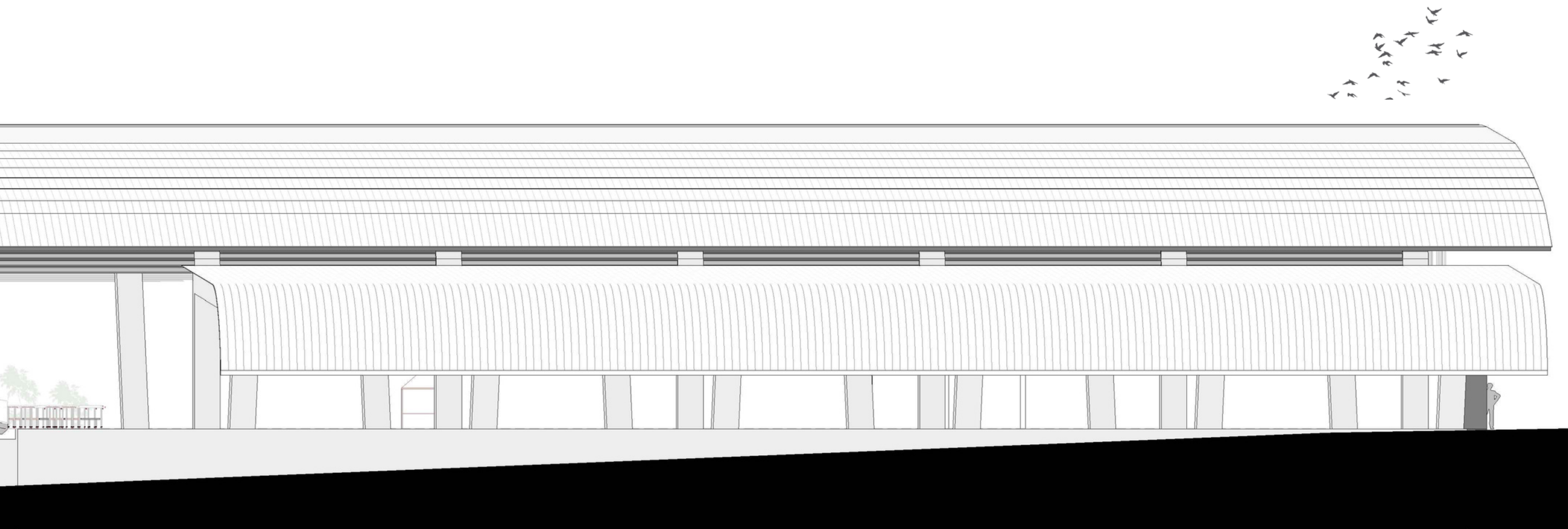


Figura 54 - Vista Lateral Esquerda
Fonte: Autoria própria, 2023.

BLOCOS DE CONCRETO

Em paredes menores como por exemplo banheiros, bebedouro, lixeiras e box fixos foram utilizados blocos de concreto para concepção das paredes, visto a rentabilidade e a estética, fator que não necessariamente precisa de revestimentos.

CASCA DE CONCRETO

Sua utilização será no portal de entrada servindo como apoio horizontal em forma de extensão da cobertura, sendo um elemento estético e funcional. Sua estrutura é eficiente por resistir a esforços através de uma estrutura reticulada, permitindo a curvatura com pouca espessura.

LEGENDA



ESTRUTURA ESQUEMÁTICA

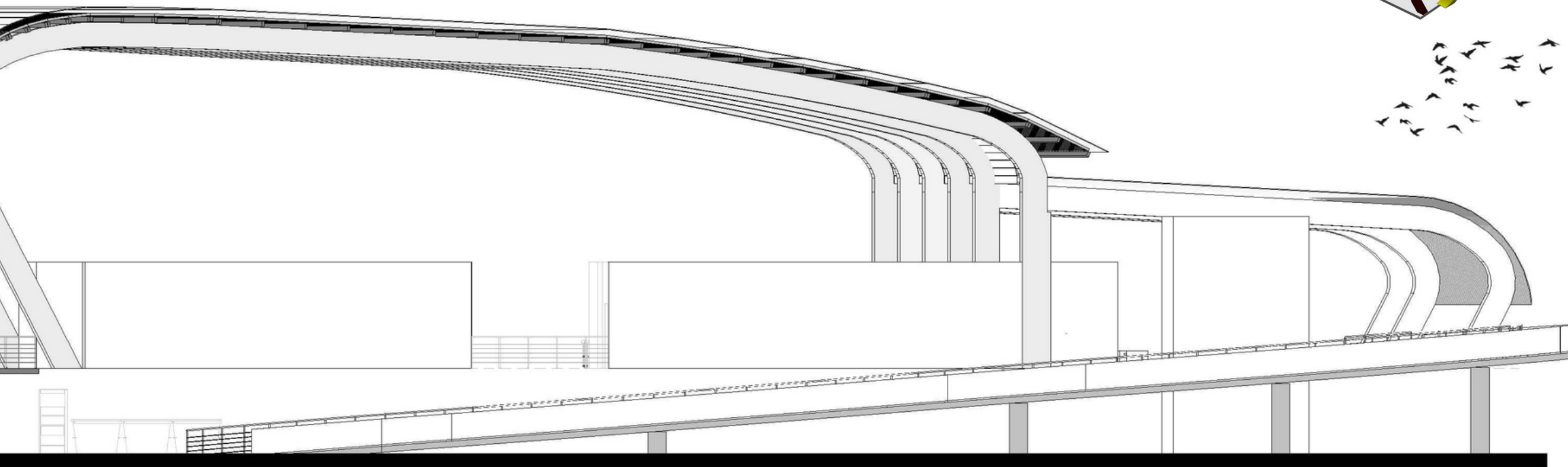
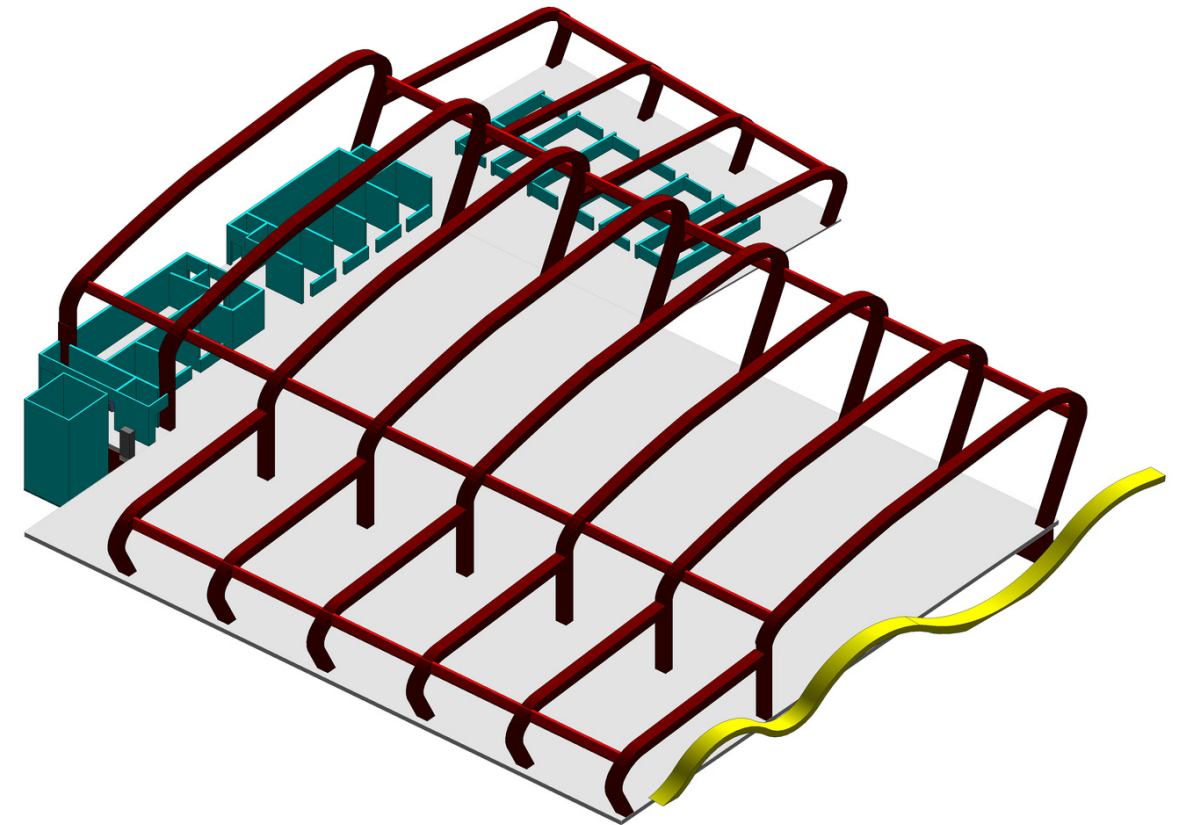


Figura 56 - Vista Posterior
Fonte: Autoria própria, 2023.

5.14 MOBILIÁRIOS INTERNOS

Tratar de mobiliários, levando em consideração os aprendizados da feira-mobiliário, em que adaptam inúmeros objetos para expor seus produtos ou até mesmo para consolidar como área de descanso, os mobiliários aqui propostos visa tipologias nas quais podem ser adaptadas pelos seus respectivos usuários.

O mobiliário tipo 1, o qual possui 2,00 m de largura x 1,20 m de comprimento é destinado aos feirantes dos seguintes setores: secos e diversos.

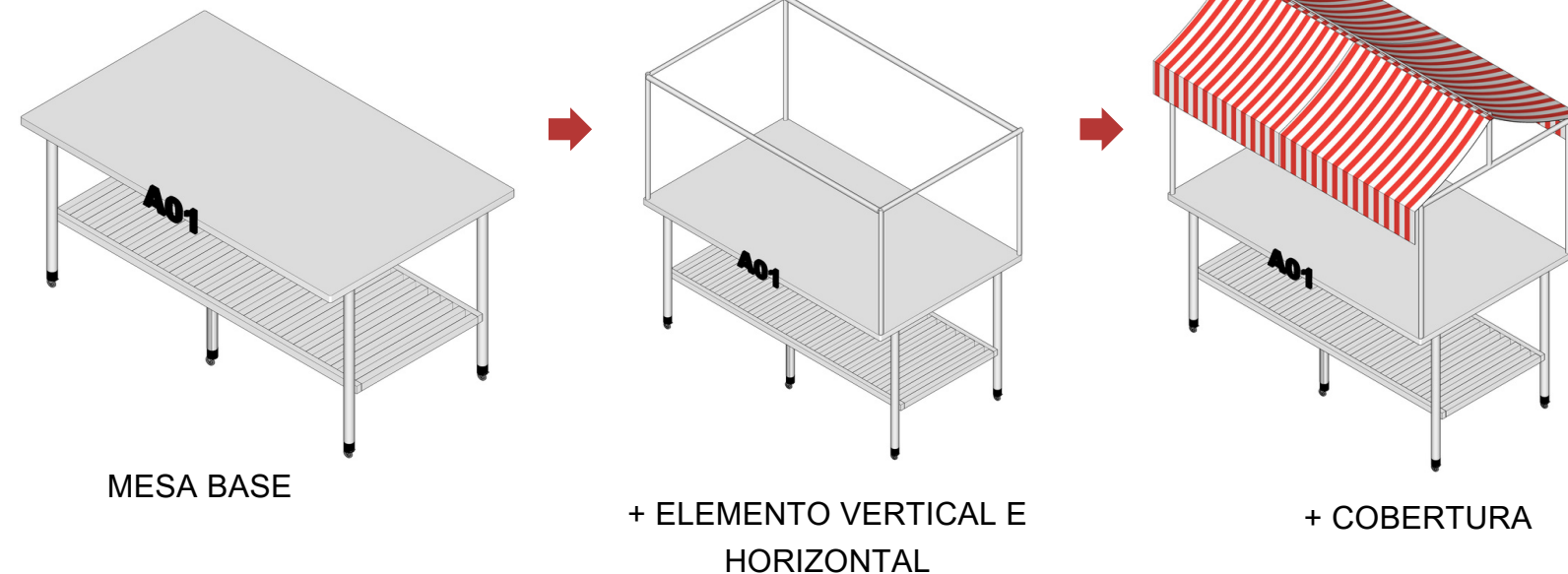
Já o mobiliário tipo 2, o qual possui 2,80 m de largura x 2,20 m de comprimento é destinado aos feirantes dos seguintes setores: hortifruti e frios.

A escolha consistiu na consideração de fatores alimentícios, tais como espaçamento entre um alimento e outro, além da área para refrigeração na qual deve ser considerada ao quantificar os produtos expostos.

Visando a flexibilidade, bem como a possibilidade de aumentar, pendurar, abaixar e apoiar o mobiliário propõe a montagem conforme a necessidade do produto, sendo considerado evolutivo.

As imagens ao lado apresentam as possibilidades de transformações a ser feitas.

MOBILIÁRIOS TIPO "1"



MOBILIÁRIOS TIPO "2"

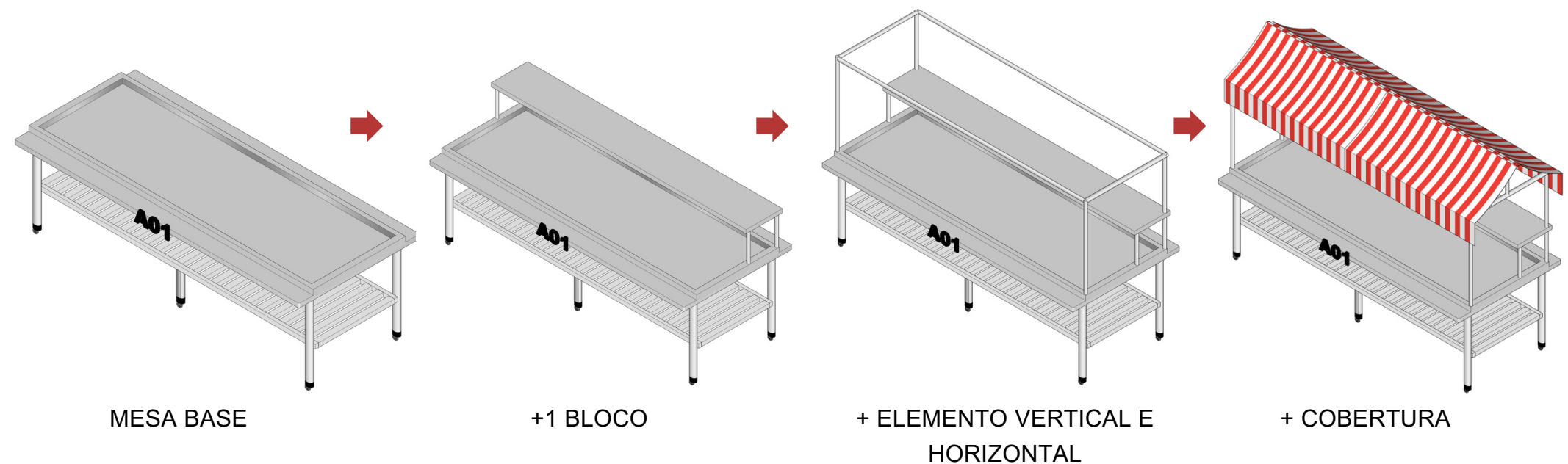


Figura 57 - Mobiliários Internos
Fonte: Autoria própria, 2023.

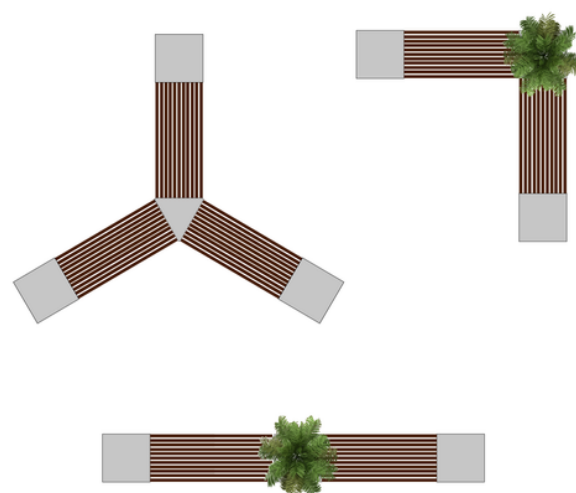
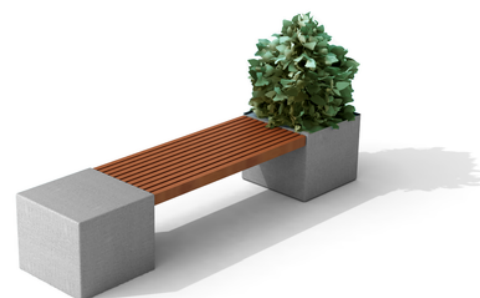
5.15 MOBILIÁRIOS EXTERNOS

Os mobiliários escolhidos para compor o espaço-feira e o meio externo destaca-se com a materialidade utilizada, bem como o favorecimento quanto a durabilidade.

Durante a escolha levou-se em consideração quanto à resistência climática (sol e chuva) e a manutenção. Seus principais materiais são: concreto, madeira plástica e ferro galvanizado.

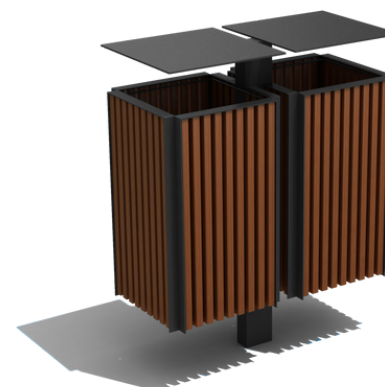
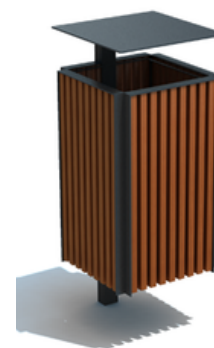
Estes elementos tornam o ambiente mais atrativo, instigando o uso seja para descanso ou passeio. No mais, busca-se proporcionar também a limpeza e segurança na área.

BANCOS



Fonte: De Lazzari, 2023.

LIXEIRAS



Fonte: De Lazzari, 2023.

BICICLETÁRIO



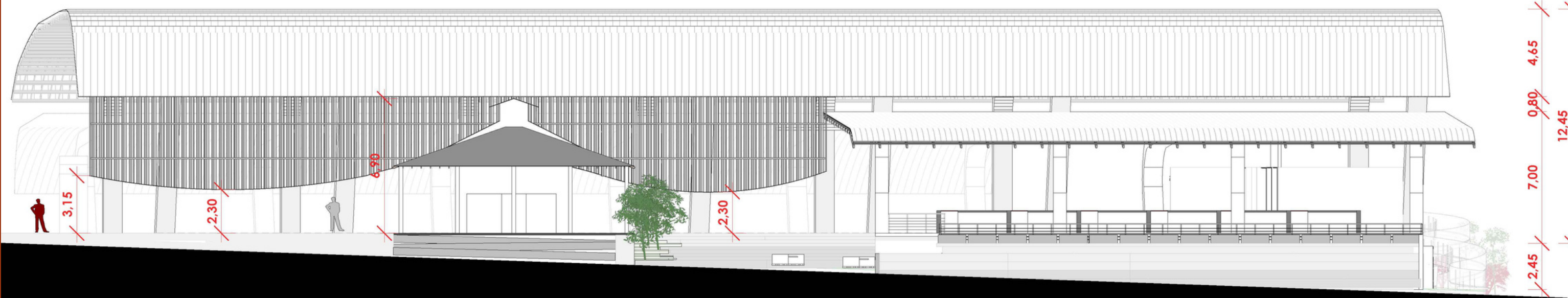
Fonte: De Lazzari, 2023.

POSTE DE ILUMINAÇÃO E BALIZADORES



Fonte: Inspire Home 2023.

VISTA LATERAL DIREITA

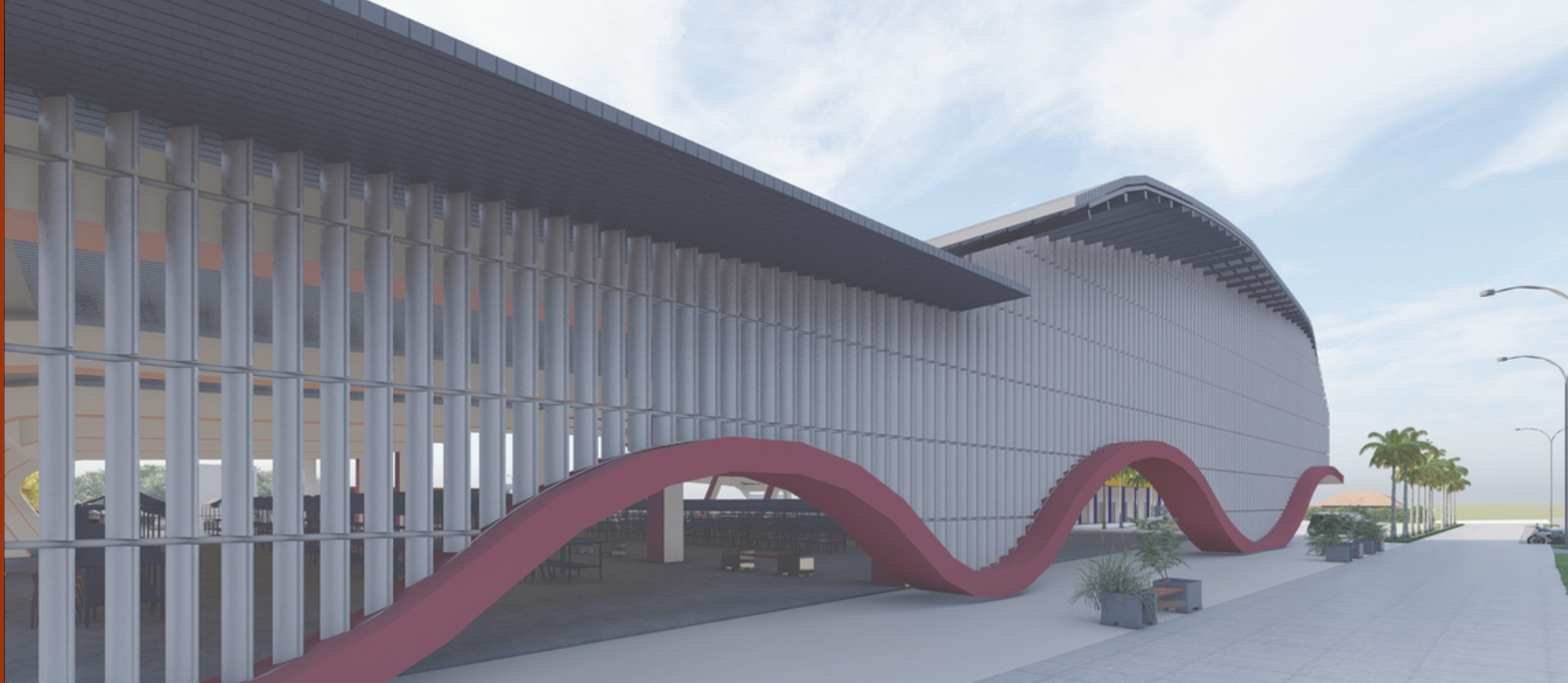


Destaca-se a a área de lazer e convivência, evidenciando a fachada lateral juntamente com os volumes dos quatro blocos, plano a plano. No mais, destaca-se também o paisagismo juntamente com os mobiliários.

Figura 58 - Vista Lateral Direita
Fonte: Autoria própria, 2023.

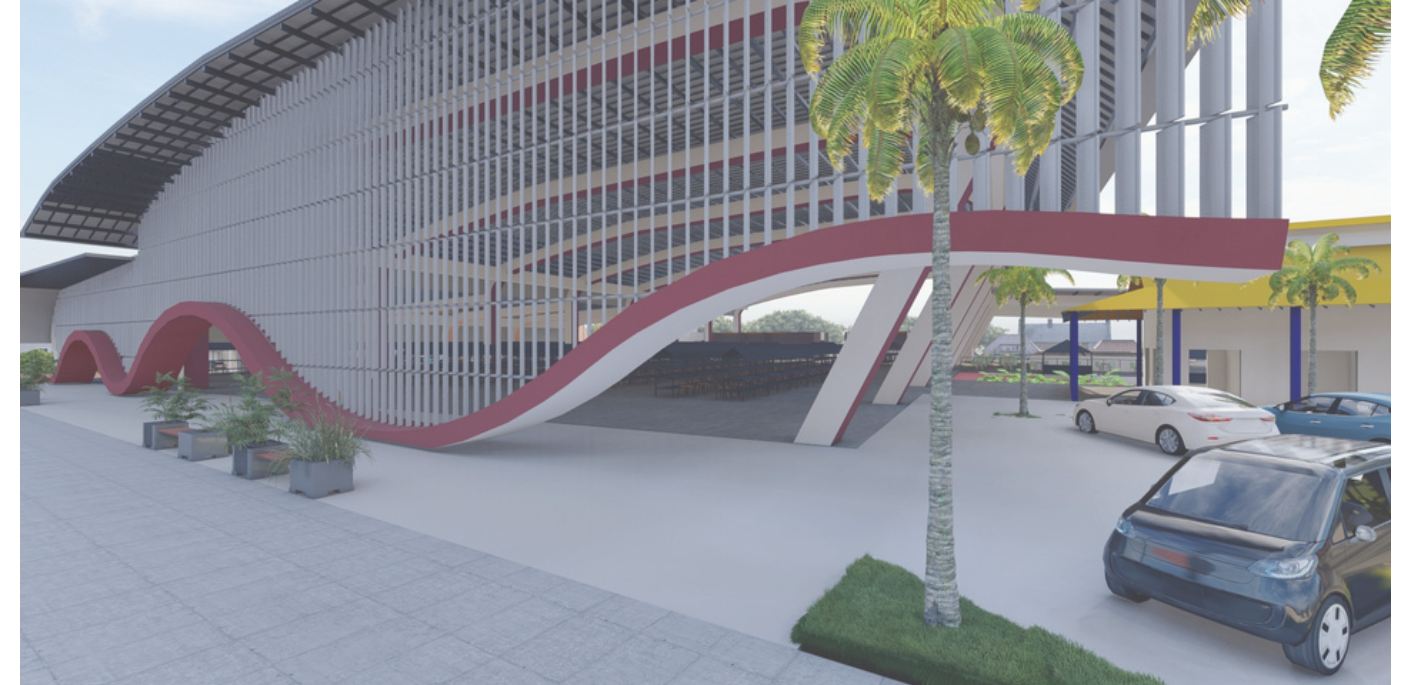
5.16 VISTAS ESQUEMÁTICAS 3D

Figura 59 - Perspectiva Fachada Frontal



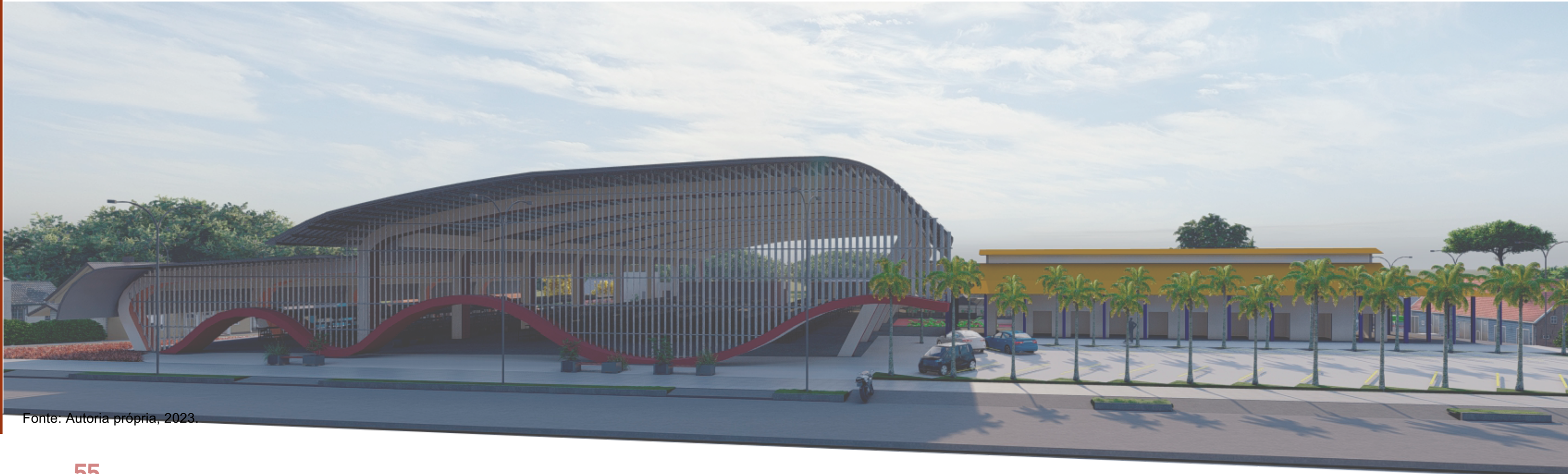
Fonte: Autorial própria, 2023.

Figura 60 - Perspectiva Fachada Frontal



Fonte: Autorial própria, 2023.

Figura 61 - Fachada Frontal



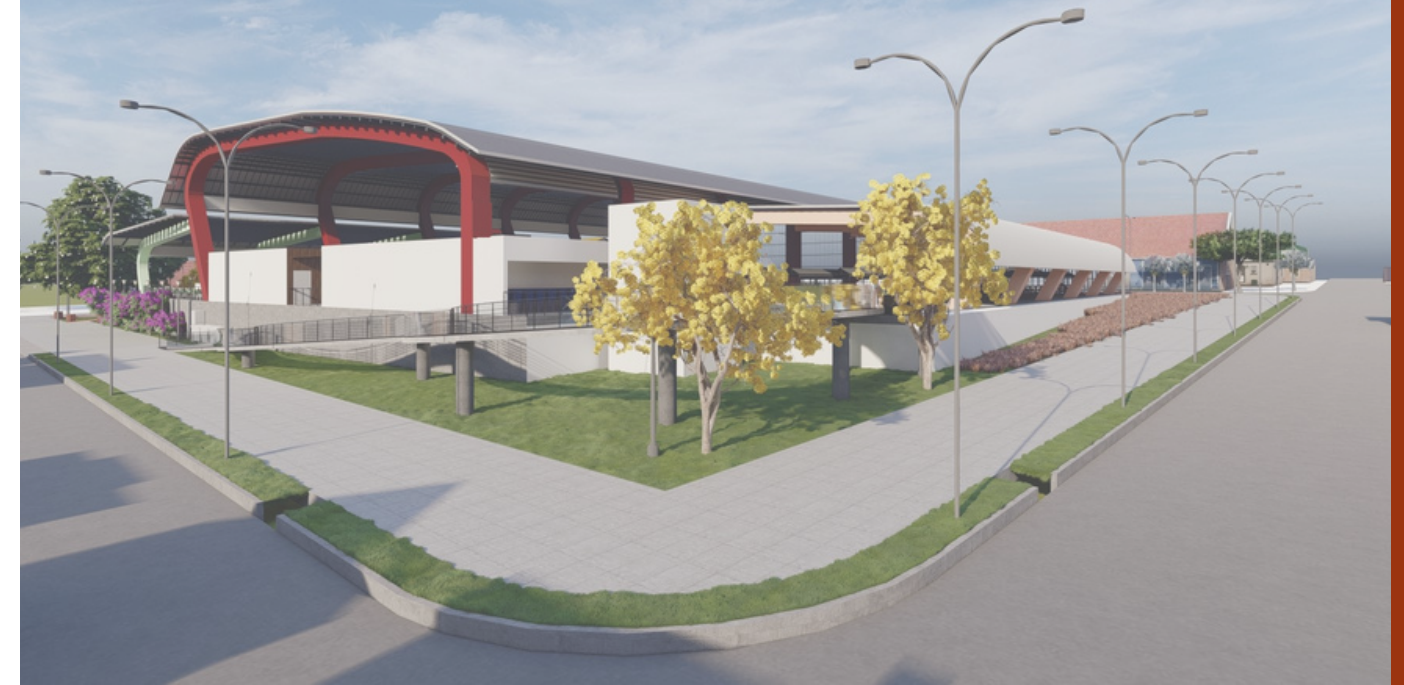
Fonte: Autorial própria, 2023.

Figura 62 - Área de Lazer e Contemplação



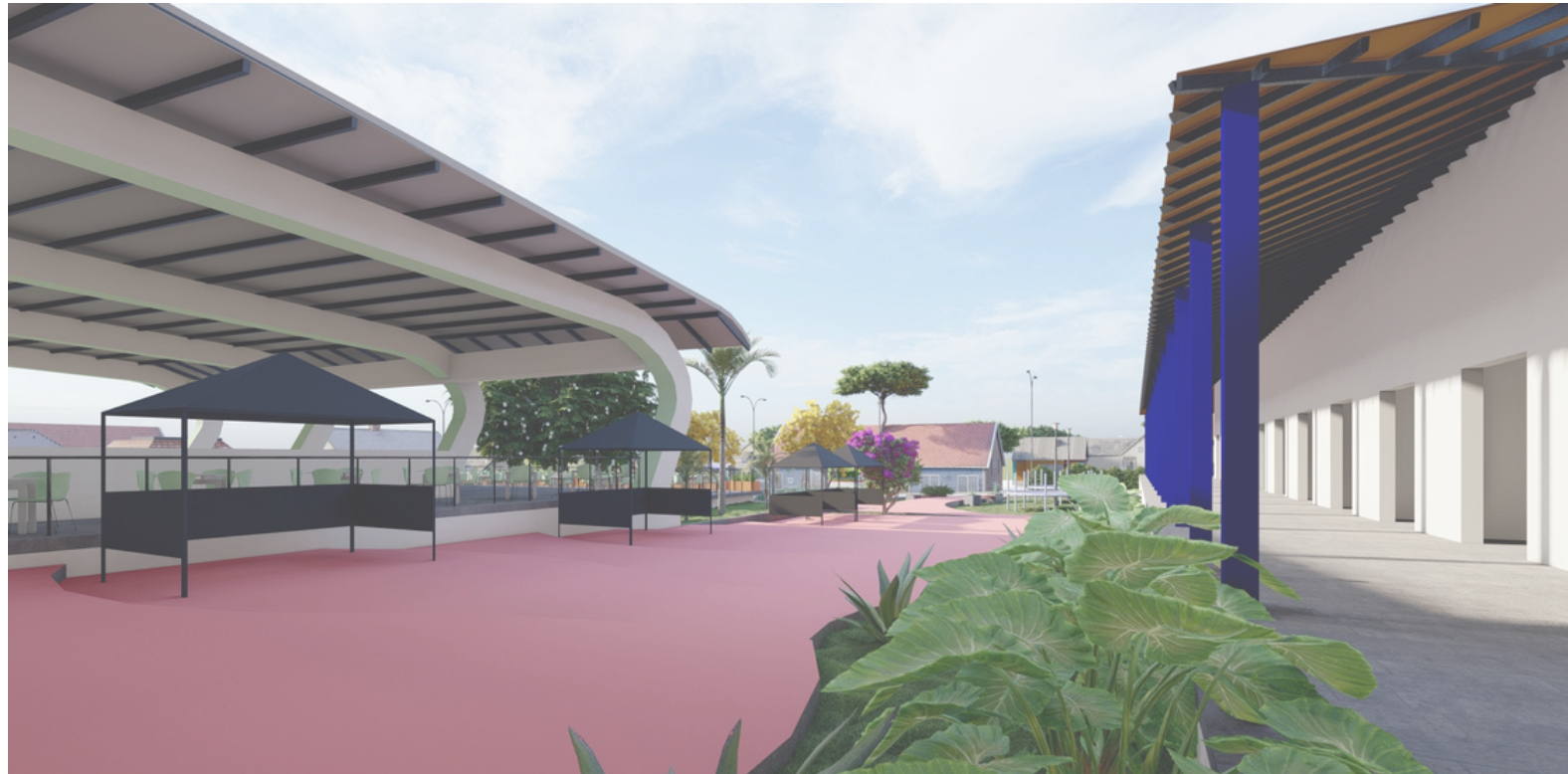
Fonte: Aatoria própria, 2023.

Figura 63 - Perspectiva Vista Posterior



Fonte: Aatoria própria, 2023.

Figura 64 - Perspectiva Barraca Desmontáveis

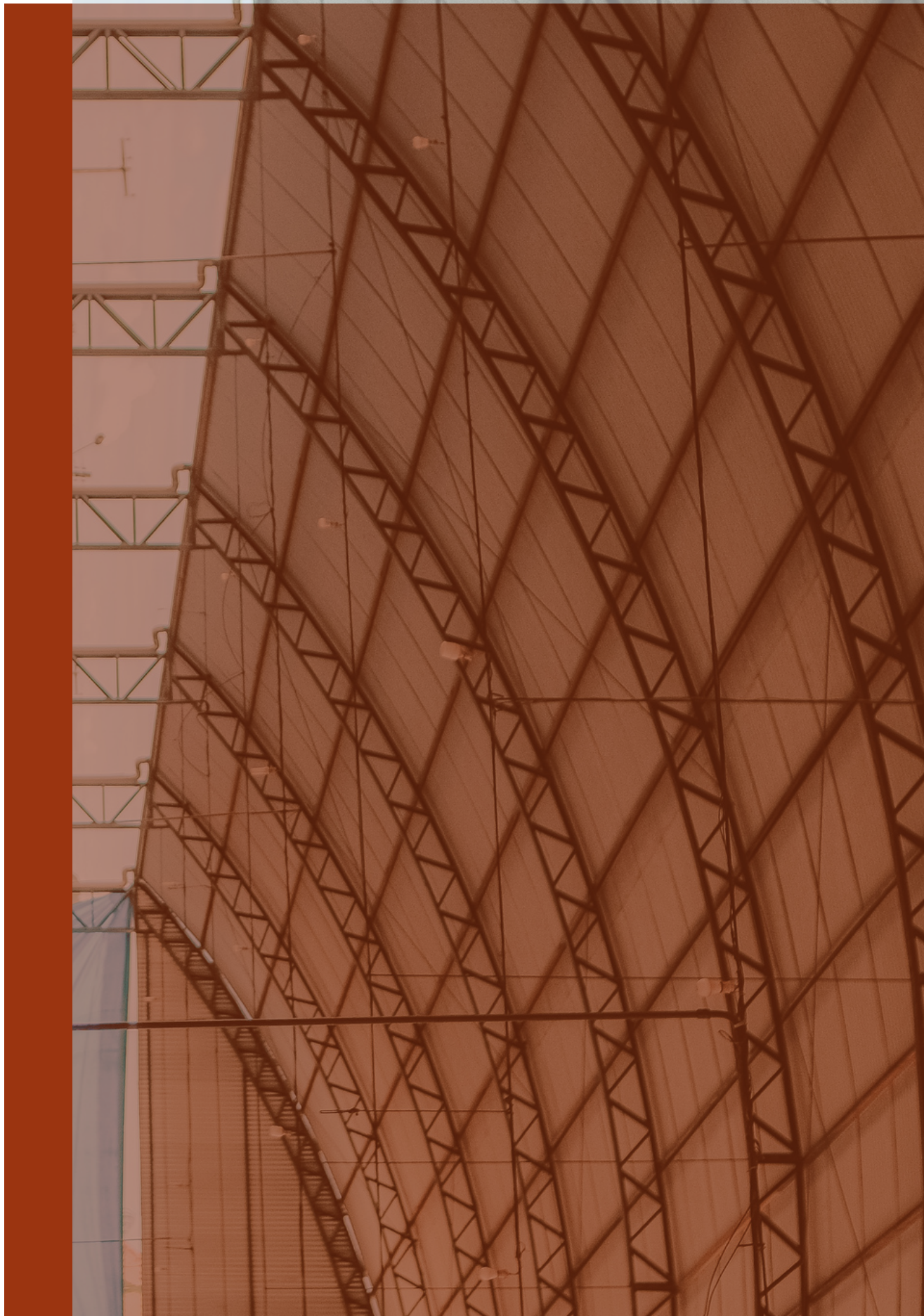


Fonte: Aatoria própria, 2023.

Figura 65 - Calçada Área de Lazer e Contemplação



Fonte: Aatoria própria, 2023.



06

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa percebeu-se que a feira de rua suscitou motivações em aprender com o espaço de um não-arquiteto. Assim, descobriu-se que a feira livre pode contribuir sobre a formação do arquiteto e urbanista, adentrando em suas bagagens estrelando-o despertar quanto ao material e o imaterial, o permanente e o provisório, o caos e o cosmo (CERQUEIRA, 2020 p. 85), tais como esforços e apropriações inerentes do campo estudado.

Com a concepção projetual se consolidou partes consideradas importantes e essenciais para contemplarem um projeto destinado a esse tipo de uso, visando também a relação e possíveis alteridades para ocupação com outras atividades, mesmo que os desafios tais como a escala do terreno, bem como o nível do projeto.

Outro ponto importante a ser ressaltado é quanto a edificação já existente no local atualmente. Sabe-se que o 1º Mercado Municipal da cidade está consolidado na área, mesmo que não seja um patrimônio material tombado se entende que é um testemunho histórico, assim, optando por mantê-lo. Dessa forma, buscou-se integrar a nova construção, mimetizando com principalmente com os aspectos estéticos.

Quanto ao galpão já edificado e utilizado para feira, subentende da frieza e pontos de não encontros ao proposto na pesquisa, como a flexibilidade, imaterialidade, alternâncias.

Por fim, ao decorrer do processos caminhos foram traçados e outros alcançados conforme as provocações foram surgindo. Portanto, ainda assim, buscou-se abranger potências do conhecimento que vão além da via padrão para que complementam ou enriqueçam a discussão em questão, buscando notabilizar sobre o efêmero, o fragmento e as linguagens presentes na feira livre.

REFERÊNCIAS

BALDEZ, Ingridy; QUEIROZ, Mileide. **FEIRAS LIVRES: negócios beneficiam comerciantes e clientes**. Morcegada, 2017. Disponível em: <<http://www.morcegada.unir.br/?p=445#:~:text=A%20primeira%20feira%20livre%20na,verduras%20nas%20feiras%20da%20cidade>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

CARDOSO, André Luiz Carvalho. **Arquitetura nas feiras ao ar livre: paradigmas para construções de mercados populares contemporâneos** / André Luiz Carvalho Cardoso. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2011.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERQUEIRA, Louise Maria Martins. **Embaralhando a profusão : feiras livres em Alagoas a partir de gestos e imagens**. 2020. 431 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. **As feiras populares como territórios de persistência**. Arqtextos, São Paulo, ano 20, n. 240.05, **Vitruvius**, maio 2020 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/20.239/7747>>.

IBGE. **O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Plataforma Cidades Panorama**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/vilhena/panorama>>. Acesso em: 26 março de 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê Feira de Caruaru: Inventário Nacional de Referência Cultural**. 2006.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

Jacques, Paola Berenstein, 1968 - **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica** / Paola Berenstein Jacques. - 4.cd. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

LONDRES, Cecília. **Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio**. In: **Manual de Aplicação do INRC**. Brasília, IPHAN/DID, 2000.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira** [recurso eletrônico] / Thiago Isaias Nóbrega de Lucena, José Willington Germano. – Natal: EDUFRN, 2016.

NEUFERT, Ernst, 1900-1986. **Arte de projetar em arquitetura**: Tradução Benelisa Franco. - 18. ed. - São Paulo: Gustavo, Gili, 2013.

Projeteo, 2023. **Dados Climáticos de Vilhena/RO**. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteo/dados-climaticos/?cidade=RO+-+Vilhena&id_cidade=bra_ro_vilhena.866420_inmet>. Acesso em> 14 set. de 2023.

SATO, Leny. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VILHENA. Prefeitura Municipal de Vilhena (org.) **Nossa cidade: história de Vilhena**. Disponível em: <<http://vilhena.ro.gov.br/index.php?sessao=26a3d63ab7nc26&id=1501>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

VILHENA. Prefeitura Municipal de Vilhena (org.) **Nossa cidade: história de Vilhena**. Feiras livres beneficiam produtores, vendedores e clientes em Vilhena, veja cronograma, 2023. Disponível em: <<http://www.vilhena.ro.gov.br/index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1430316>>. Acesso em: 12 de out. de 2023.

VILHENA (RO). **Decreto nº 2.705, de 10 de agosto de 1994**. Dispõe sobre a ocupação das áreas nos locais feiras-livres do município e dá outras providências.

VILHENA (RO). Diário Oficial de Vilhena. Poder Executivo, 1994. **Decreto nº 23.572, de 18 de agosto de 2011**. Regulamento Normativo- disciplinas do Exercício do Comércio nas Feiras Livres e dá Outras Providências. Vilhena, RO: Diário Oficial de Vilhena, 2011.

VEDANA, Viviane. **Fazer a Feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Orientação: Cornelia Eckert. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

VEDANA, Viviane. **Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano**. Horizontes antropológicos, v. 19, p. 41-68, 2013.

LISTA DE REFERÊNCIAS PAINEL REFERENCIAL

Figura Adaptação:

Fonte: Ergon Agora East by Urban Soul Project in Thessaloniki, Greece. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/1062145893350722371/>

Figura Práticas:

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura Flexibilidade

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura Resistência:

Fonte: Decoração e Dye. Feira de São Joaquim/BA. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/861454234988515538/>

Figura Transição:

Fonte: Sheffield, Yorkshire. Winter Garden, Surrey St Architect:Pringle Richards Sharratt Architects 2003. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/822821794444056861/>

Figura Versatilidade:

Fonte: Mode:lina, Łódź – Poland. Pavilhão do Human Touch Group no Łódź Design Festival. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/574490496196145686/>

Figura Amplitude:

Fonte: Harbour Market. Vodice (Croatia). Disponível em: <https://www.publicspace.org/works/-/project/j032-harbour-market>

Figura Topografia e Exterior:

Fonte: Gema Arquitetura. Praça do Rosário. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/669840144557430540/>

Fonte: Nelson Byrd Woltz. Virginia War Memorial. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/2251868551364391/>

Figura Acessos:

Fonte: ZAP Associates. Baotou · Vanke Central Park. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/260434790944041753/>

Figura Esforços:

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura Alteridade:

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura Exposição:

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.

Figura Movimento:

Fonte: McBride Charles Ryan. Yarram and District Health Services, Integrated Healthcare Centre. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/445223113177920587/>

Figura Olho no Olho:

Fonte: Israel Souza de Carvalho, 2023.